

Geografia Indígena do Estado de São Paulo



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
CUIDANDO DE GENTE

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO

distribuição gratuita



Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo

Governador do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin

Secretário de Estado da Educação
Gabriel Chalita

Coordenadoria de Estudos e Normas
Pedagógicas - CENP
Sonia Maria Silva

Pça. da República, 53 - Centro
01045-903 São Paulo - SP
Tel. (11) 3218 2000
Site <http://www.educacao.sp.gov.br>

NEI - Núcleo de Educação Indígena SP
Deusdith Bueno Velloso

Faculdade de Educação e
Fundação Apoio a Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo

Diretora da Faculdade de Educação e
Presidente da Fundação Apoio a
Faculdade de Educação - FAFE
Selma Garrido Pimenta - FE/USP e FAFE

Coordenação Geral
Maria do Carmo S. Domite - FE/USP

Av. da Universidade, 308
05508-040 - São Paulo - SP
Tel. (11) 3034 5492
<http://www.fafe.fe.usp.br>
e-mail: magind@fe.usp.br

Autora e organizadora
Sonia Maria Vanzella Castellar - FE/USP

Colaboradores
Heitor Antônio Paladim Junior
Jerusa Vilhena de Moraes

Ilustrações e textos

Abílio da Silva Martins, Adílio Wera Paraguassu, Adriana Ará Poty Macena, Adriano César Rodrigues Campos, Alicio Lipu, Altieri Damaceno de Oliveira, Álvaro Francisco Iaiati, Ângelo Silveira, Antonio Macena, Basílio Silveira, Carlos Roberto Indubrasil, Catarina Delfina dos Santos, Cláudio Samuel dos Santos, Danilo Marcolino, Davi Honório Cardoso, Edeutrades Sebastião, Edevaldo Cotui, Edilson Euzébio Fernandes, Edson Mirim Macena, Elizeu Francisco Evaristo, Ezequiel da Silva Evaristo, Fabiana Damaceno Oliveira, Fabiana Aparecida Lima da Silva, Fabiola dos Santos Cirino, Francisca Martins da Silva Guarani, Giselda Pires de Lima, Ilson Iaiati, Ivani Barbosa Cotuí, Jaciara Jorge de Souza Gomes, Jehei Pio, João Carlos Silveira, João da Silva, João Lira da Silva, Joel Augusto Martins, José Roberto da Silva Santos, Josias Honório Cardoso, Lícia Victor, Lídia Krexu Veríssimo, Marcelo Gabriel, Márcia Augusto Martim Campos, Marcio Pedro, Maria Fernandes, Maria Luisa Lipu, Marinalva Keretxu Paraguassu, Mário Cecílio Damasceno, Moacyr Augusto Martim, Nicolau Tupã Mirim, Odair Euzébio, Pedro Francisco Evaristo, Pedro Miri Delane, Poty Porã Turiba Carlos, Queila Maria Cecílio Damasceno, Rosimeire Barbosa Dias, Tereza Silvério, Sara Silva Rosário, Sebastião Jejuaka Fernandes, Sérgio Martins da Silva, Ubirajara Jorge de Souza Gomes, Valdecir Ribeiro Alves, Valdecir Veríssimo dos Santos, Valdenice Cardoso Vaiti, Valmir Mirim Macena.

Revisores
Jorge Alves de Lima
Persio Nakamoto

Projeto Gráfico
Cláudia Georgia Sabba

MATERIAL DE DISTRIBUIÇÃO INTERNA

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

FORMAÇÃO MAGISTÉRIO INDÍGENA

GEOGRAFIA INDÍGENA

DO ESTADO DE SÃO PAULO



FEUSP/MAGIND
SÃO PAULO
2003

MATERIAL DE DISTRIBUIÇÃO INTERNA

O respeito à diversidade é um dos princípios básicos para a construção de uma sociedade pautada pela tolerância, compreensão, ausência de discriminação e de preconceito - fatores que culminam com a tão sonhada cultura da paz. A sabedoria e a riqueza maior de um povo estão, justamente, na capacidade de aceitar o outro com as suas diferenças, o que torna possível a troca de experiências e conhecimentos essenciais à vida em sociedade. Educar é, dentre outras coisas, despertar para a importância desses valores. Esse é objetivo maior do **Projeto Pedagógico de Formação de Professores Indígenas**, cujas diretrizes, programas e ações estão detalhadamente expostas nesta publicação. Este material funcionará, na verdade, como um divisor de águas na medida em que esmiúça o projeto e possibilita, assim, a divulgação dessa experiência tão inédita quanto bem sucedida no Estado de São Paulo. Acreditamos que a implementação de uma educação de excelência só ocorre por meio da criação de políticas públicas comprometidas tanto com a qualidade de ensino quanto com a universalização desse benefício. Dessa forma, viabilizamos o acesso do binômio ensino-aprendizagem para um número cada vez maior de aprendizes, independentemente de sua raça, crença ou classe social. Nesse contexto, o papel dos educadores é, justamente, levar para os alunos dos diversos grupos indígenas existentes na Capital, na Grande São Paulo, na Baixada Santista e no interior os aprendizados necessários para que desenvolvam a consciência crítica capaz de propiciar as suas vidas o equilíbrio entre tradição e inovação. Um equilíbrio que oferecerá aos educandos os instrumentos indispensáveis para enfrentar os desafios do século XXI e, ao mesmo tempo, cultivar suas raízes, suas histórias, suas línguas e suas tradições milenares.

O Governo Geraldo Alckmin - por meio da Secretaria de Estado da Educação - está atento à importância dessas questões. Nesse sentido, estamos dando continuidade ao trabalho desenvolvido junto à educação indígena desde 1997, quando a Secretaria criou o Núcleo de Educação Indígena de São Paulo (NEI). Após sua implantação, avançamos muito na concretização de uma educação sintonizada com as necessidades das comunidades indígenas.

Para isso, realizamos pesquisas que mapearam a distribuição dessas comunidades em todo o Estado, bem como o tipo de ensino recebido pelas crianças indígenas e a construção de escolas nas aldeias. Em paralelo, demos início a uma série de encontros de Educação Indígena, de maneira a capacitar recursos humanos e discutir a formulação de propostas didático-pedagógicas para as mais variadas tribos indígenas presentes no Estado.

As capacitações dos docentes foram realizadas por intermédio de cursos especiais tanto para professores não-indígenas quanto para professores indígenas. Especialistas de universidades públicas paulistas forneceram consultoria para todas as atividades relativas ao projeto, dentre elas a elaboração de materiais didáticos específicos para os estudantes indígenas.

É a educação de São Paulo associada, principalmente, à propagação da cidadania e à formação dos atores sociais que irão contribuir para a construção de um mundo melhor, mais justo, fraterno e igualitário.

Gabriel Chalita
Secretário de Estado da Educação

Professor,

A Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas - CENP, visando à qualidade do ensino das escolas Indígenas e à valorização de uma política pública que atenda aos preceitos da diferença e da especificidade, decidiu pela produção de um material didático bicultural. Trata-se de produção inédita que contou com a sua colaboração, sob a orientação de professores e coordenadores de área contratados pela FAFE-FE-USP para o Curso Especial de Formação em Serviço para Professores Indígenas para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental (1ª à 4ª série). Houve, também, a preocupação de realizar um acompanhamento de todo esse trabalho, por meio do Comitê Gestor desse curso. Esperamos, dessa forma, estar ajudando na construção da escola intercultural e bilíngüe, sonho de todos nós.

O trabalho com este material envolve a criação e elaboração de propostas promotoras de situações e ambientes que estimulem a formação de leitores e escritores, ampliem a prática docente, aprimorem o projeto pedagógico e proporcionem condições efetivas de acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento de habilidades básicas, na prática intercultural.

Sonia Maria Silva
Coordenadora da CENP

A GEOGRAFIA INDÍGENA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Introdução

No Curso de Formação do Magistério Indígena, os princípios que orientaram a ação pedagógica da área de Geografia tiveram na sua essência o respeito às características étnicas e culturais de cada comunidade no sentido de discutir com os indígenas o significado e o valor de exercer, criticamente, a própria cidadania.

Nesse sentido, o propósito dos conteúdos trabalhados neste projeto foi o de possibilitar referenciais que permitam a este público ressignificar o currículo da geografia escolar, preservando o caráter de interculturalidade desta população.

As atividades propostas tiveram como objetivo propiciar aos professores indígenas uma atitude reflexiva e científica que só pode ser conseguida por meio das ações pedagógicas, com uma orientação adequada e consciente, levando-os a compreender a organização e produção do espaço, tendo como referência a dinâmica da natureza, as relações sociais, o tempo social e geológico, e a perceber o seu entorno comparando-o com outros contextos. Portanto, ensinar geografia para professores indígenas das séries iniciais do ensino fundamental pede ações voltadas para a vivência da criança e ampliada para outros referenciais culturais e espaciais.

Nessa perspectiva, consideramos que a criança indígena tem o direito de aprender a ler o mundo e a compreendê-lo da mesma maneira que a criança não-indígena e esse processo se inicia quando ambas reconhecem os lugares, conseguindo identificar e analisar os fenômenos em diferentes escalas.

A partir desses pressupostos, tivemos como objetivo motivar a utilização da Cartografia como linguagem, tendo as representações mentais como ponto de partida para conhecer e possibilitar a leitura do lugar de vivência. Dessa forma, as crianças indígenas desenharão a aldeia e outros referenciais, incorporando, nas atividades, noções de tempo - passado e presente -, localização, organização espacial, legenda e proporção. Isso ocorre, por exemplo, quando se propuser desenhos da aldeia, do município onde está localizada a aldeia, o estado e assim por diante.

No entanto, saber ler as informações do espaço vivido significa explorar os elementos naturais e construídos presentes na paisagem, não se atendo apenas na percepção das formas, mas no significado de cada uma delas. A leitura do lugar de vivência está relacionada, entre outros conceitos, com os que estruturam o conhecimento geográfico, como orientação, direção, ponto de referência, espaço e tempo, que auxiliam na compreensão da realidade e constituem o "letramento cartográfico".

Nesse sentido, a ação pedagógica do professor indígena deve estar direcionada para estimular a criança indígena a perceber as diferentes visões de mundo, de acordo com a sua realidade e seus valores, contribuindo para o entendimento da dinâmica do espaço geográfico e, assim, alfabetizando-as em cartografia para que elas compreendam os fenômenos geograficamente.

Entendemos que os conteúdos e as atividades propostas contribuíram para ampliar o conhecimento científico dos professores indígenas. Essa proposta foi elaborada respeitando o conhecimento das diferentes etnias, ao mesmo tempo em que desenvolvia conceitos que eles pudessem utilizar com seus alunos nas salas de aula das escolas indígenas.

Os conteúdos foram estruturados sem a fragmentação tradicional. Assumimos uma concepção que integra a geografia e que analisa os fenômenos geográficos, articulando o meio físico/ambiente natural e a sociedade. Com isso, tentamos romper com uma geografia que possui apenas uma retórica, vazia e descontextualizada, fruto da chamada geografia crítica, que não tem contribuído para a formação de alunos indígenas e não-indígenas.

Tendo como base uma geografia que integra a sociedade no meio físico, representando cartograficamente os fenômenos estudados, elegemos as seguintes categorias: *território, lugar, natureza, paisagem, região, escala cartográfica, espaço geográfico, tempo e sociedade*, para serem desenvolvidas nas atividades, indo ao encontro dos Parâmetros Curriculares Indígenas.

A Geografia Escolar

A geografia escolar nas séries iniciais contribui para que as crianças indígenas e não-indígenas reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares. Isso porque a vida em sociedade é dinâmica e o espaço geográfico absorve as contradições entre o ritmo extremamente rápido da informação e da técnica e as relações mais elementares e banais da vida cotidiana. O dinamismo espacial se dá a partir das relações que os seres humanos mantêm entre si e com a natureza, criando uma estrutura material capaz de reproduzir sua própria existência.

Além disso, devemos também considerar o tempo como mais um constituinte do espaço geográfico: observamos diversos elementos em que o tempo pode ser percebido, pois na medida em que o passado ganha vida, as formas acabam por revelar simultaneamente o passado e o presente que, conseqüentemente, projetam o futuro. Tudo isso resulta em um processo de produção e organização do espaço, analisado a partir das relações sociais, econômicas, políticas e culturais.

Para os indígenas, o espaço geográfico não é apenas um lugar onde se encontram os objetos técnicos, transformados ou não; para eles, há relações simbólicas e afetivas, que revelam as tradições e os costumes, indo além da relação ser humano-natureza. Nesse

contexto, ao observar os elementos que compõem o espaço vivido, a criança indígena perceberá a dinâmica das relações sociais presentes na organização e produção desse espaço - processo de construção de sua identidade individual e coletiva.

O estudo da geografia contribui também na formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na consciência de que somos sujeitos da história; nas relações com lugares vividos (incluindo as relações de produção); nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identificação e comparação entre valores e períodos que explicam a nossa identidade cultural. Considerando, ainda, que todos esses elementos são fundamentais no processo de construção de nossa própria identidade e localização no mundo.

Mas a geografia não se preocupa unicamente com as formas espaciais. Busca, também, compreender os seus conteúdos e, para tanto, leva em consideração a *localização, a distribuição, o movimento dos fluxos, as inter-relações, as transformações e as tendências* que ocorrem no espaço.

Estudar as mudanças que ocorreram nos sítios geográficos e relacionar com a ocupação dos lugares no passado e no presente, mostrando que não é possível entender as transformações das cidades e do campo sem compreender a dinâmica da natureza, leva os professores a terem uma compreensão menos fragmentada da sua realidade. Por isso, há a necessidade de se ter como referência para análise a relação entre relevo, hidrografia, clima, cobertura vegetal em diferentes escalas - local, regional e global -, e a escala cartográfica, possibilitando a melhor compreensão de fenômenos que são representados por meio de mapas.

Destacamos o conceito de lugar, por ter um papel central nos estudos geográficos, já que nos permite entender diferentes usos e apropriações espaciais materializadas em diferentes tempos e contradições. É nas relações cotidianas que ocorrem a articulação entre o próximo e o distante (o local e o global) e são esses entrelaçamentos que dão sentido ao lugar. Desse modo, podemos dizer que o mundo só se realiza no lugar.

Tanto a cidade quanto a aldeia foram temáticas trabalhadas em sala e possibilitaram que os professores indígenas as percebessem não como algo estático, onde as alterações do ser humano no meio físico e da dinâmica dos ambientes naturais não ocorressem, mas como lugares que possuem ritmos, nos quais as mudanças são percebidas pelas pessoas que nela habitam.

A observação de costumes e modos de vida presentes em cada um destes lugares e a maneira como a população local se apropria da natureza foram alguns dos temas que permitiram aos professores indígenas uma ampliação do significado da geografia escolar.

Assim, tomar como referência o que está mais próximo de cada indivíduo - o lugar (a aldeia e a cidade) - permitiu conhecer o seu funcionamento e refletir sobre as regras que ora permitem ora rejeitam determinadas atuações; reflexão esta que é fundamental ser feita quando se quer compreender o mundo.

Outro conceito que desenvolvemos é o de paisagem, que revela heranças de diferentes momentos de sua história. Ao se ensinar geografia nas séries iniciais cabe fazer a leitura da paisagem, considerando aquilo que é observável, ou seja, o que se vê.



Sara Silva Rosário

A partir do lugar de vivência, os professores e as crianças indígenas têm condições de compreender as formas de apropriação da natureza (vegetação, solo, água, relevo, seres vivos que demoraram muito tempo para se formar), tomando como referência o *tempo geológico*. A leitura da paisagem possibilita, portanto, compreender e organizar os elementos naturais e construídos que estão presentes na realidade e nas imagens que podem ser observadas nas atividades, levantando hipóteses sobre as transformações dos

lugares e relacionando-as com o tempo social e geológico. A contextualização da transformação da paisagem situa historicamente o aluno.

Dessa forma, pode-se perceber como os grupos sociais foram os agentes da organização e de produção do espaço.

Ressaltamos que o conceito de identidade, quando se resgata a história do lugar, também auxilia na compreensão das mudanças da paisagem que ocorreram em diferentes períodos históricos.

O "letramento cartográfico" na geografia escolar indígena

A ênfase dada na proposta de organização curricular da geografia nas séries iniciais foi a de se desenvolver a linguagem cartográfica, na perspectiva do letramento, que é motivado na medida em que a criança compreende o conceito de legenda, não utilizando apenas os signos e símbolos do mapa. Ao se apropriarem de um conceito como o da localização, as crianças indígenas desenhavam os trajetos ou caminhos e reconhecem os pontos de referências da realidade, utilizando os símbolos criados por elas ou os que já conhecem das representações cartográficas. Assim, podem ainda relacionar e compreender os conceitos de orientação e organização espacial, notando a função social da representação e, conseqüentemente, do conteúdo.

No ensino da geografia, observamos que a criança indígena ou não-indígena muitas vezes descreve o lugar onde vive, porém não consegue perceber as relações sociais existentes neste espaço. Da mesma maneira que lê por meio das figuras ou dos desenhos, na geografia, a criança lê e registra (escrita/representação) o que observa das paisagens do espaço vivido

e, a partir dessas atividades, começa a perceber as relações sociais nelas existentes.

A leitura e a escrita que a criança faz da paisagem estão sem dúvida carregadas de fatores culturais, psicológicos e ideológicos. Por isso, entendemos que ler e escrever sobre o lugar de vivência é mais que uma técnica de leitura, é compreender as relações existentes entre os fenômenos que estão sendo analisados, caracterizando o "letramento cartográfico".

A descoberta dos significados dos objetos e dos fenômenos ocorre também com a compreensão das relações espaciais, assim como a exploração das mesmas pode ser feita com mais eficácia utilizando a linguagem cartográfica (localização, orientação, legenda, escala, visão vertical e oblíqua, imagem tridimensional e bidimensional, pontos de referência, área, ponto e linha).

Os conceitos que estruturam a linguagem cartográfica podem ser desenvolvidos em diferentes níveis de dificuldade, ou seja, a partir das situações simples para as mais complexas e devem fazer parte sistemática do conteúdo geográfico desde a pré-escola. Como exemplo, podemos citar as noções de lateralidade e proporção, presentes nas relações espaciais topológicas, projetivas e euclidianas.

Entendemos também que quando se desenvolvem ações na sala de aula com o objetivo de motivar o processo do "letramento cartográfico", inicia-se a formação de conceitos geográficos, ampliando a compreensão de mundo que o aluno indígena tem da sua realidade. Todavia, reforçamos que a intenção é mostrar que a leitura de mapas não é apenas uma técnica de aprender a identificar símbolos e de perceber a localização dos lugares, mas de utilizá-los nas ações do cotidiano e na leitura da realidade, portanto, do espaço geográfico.

Assim, a criança indígena poderá fazer leituras de mapas ou, em outras palavras, ser educada para a visão cartográfica, como afirma Simielli (1996)¹. Para que se eduque a criança indígena e não-indígena para o "letramento cartográfico", as atividades que utilizam desenhos são o ponto de partida para explorar o conhecimento que elas têm da realidade e dos fenômenos que querem representar. Esses desenhos são denominados representações gráficas ou mapas mentais, pois foram elaborados a partir da memória, não havendo preocupação com as convenções cartográficas.

Em relação ao mapa mental, quando propomos que os professores indígenas fizessem, por exemplo, o desenho do trajeto hotel-CEFAM², estávamos desenvolvendo habilidades operatórias como a observação, a percepção, a reversibilidade e as noções espaciais topológicas, projetivas e euclidianas. Essas habilidades são importantes para o aluno indígena se tornar um leitor e elaborador de mapas.

Nessa atividade, estávamos representando um lugar a partir de um mapa mental, ou

¹ Maria Elena Ramos Simielli - Profa. Livre Docente no Departamento de Geografia - Pós Graduação - USP. *Visão cartográfica* - Conceito desenvolvido no capítulo 2 - Referência Teórico Metodológica, da Livre Docência no Departamento de Geografia - USP, São Paulo, 1996.

² O Trajeto refere-se ao hotel onde os indígenas estavam alojados e o CEFAM-Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério.

seja, uma representação realizada com informações da memória, das lembranças. Ao fazer um trajeto, qualquer que seja ele, podem-se ainda destacar: noções de localização e direção, pontos de referência, organização espacial, legenda, proporção/escala, visão vertical e oblíqua e a imagem bidimensional.

Ao propor que se faça um trajeto, será o momento de resgatar as lembranças do lugar, de pensar sobre as mudanças e permanências das construções presentes no percurso. A partir desse procedimento, teremos um diagnóstico sobre que noções os alunos já estão desenvolvendo e qual caminho seguir, na perspectiva de se construir o conhecimento cartográfico.

Esse tipo de atividade é importante e necessária, pois faz parte do processo de construção simbólica e das fases de desenvolvimento do desenho na criança. Mas, para ela chegar próximo a uma representação que seja semelhante à realidade, isto é, ao realismo visual, precisará passar por atividades que estimulem a observação, a percepção e a comparação.

Um outro conceito importante no processo de "letramento cartográfico" é a **legenda**, que é útil para o aluno fazer a leitura de mapas, relacionando-os com a sua realidade. Esta tem a função de representar objetos, fenômenos e lugares que estão presentes no mapa e, por este motivo, há a necessidade de a criança ser proficiente nesse tipo de leitura.

Para compreender a relação entre nome e objeto, a criança, ao ler, deve conhecer o significado dos signos e das palavras. Isto significa "saber ler" não só o que existe no lugar, mas os símbolos representados e identificados na leitura da legenda.

A legenda é a parte escrita do mapa, necessária para explicar as informações existentes nas representações gráficas e cartográficas. Para organizá-la, é preciso selecionar, agrupar e estabelecer critérios para classificar os elementos representados. As informações contidas na representação gráfica nos permitem estabelecer a localização dos fenômenos e objetos, abarcando, dessa forma, uma quantidade de dados que possibilitam elaborá-la.

Ao elaborar uma representação gráfica ou cartográfica, como um croqui ou uma planta, a criança identifica os signos e os seleciona para organizar uma legenda e, então, agrupa-os por semelhanças e estabelece a importância desses fenômenos, organizando uma hierarquia.

Ao desenvolvermos atividades nas quais os professores indígenas pudessem elaborar croqui, leitura de imagens e estabelecer relações entre diferentes lugares, tínhamos como expectativa que eles se apropriassem da linguagem cartográfica e trabalhassem com as crianças indígenas com os mesmos objetivos - ler e elaborar mapas. Esse procedimento também envolve explorar o significado dos fenômenos que estão sendo estudados nos conteúdos como, por exemplo, o uso dos ambientes naturais, a partir da cidade e do campo, das atividades econômicas, dos transportes e das vias de circulação.

No processo da construção da noção espacial, o desenvolvimento da imagem que a

criança forma está relacionado com a representação que ela tem do espaço em que vive.

Nas atividades onde se propõem a representação dos trajetos, deve-se avaliar as seguintes noções: proporção, continuidade espacial, legenda, visão vertical e oblíqua, imagem bidimensional, orientação e localização. Queremos, com isso, que a criança indígena estabeleça relação entre o real e a representação e, com isso, perceber se ela está compreendendo a noção de proporção.

Como consequência deste processo, estaremos analisando a capacidade do aluno quanto a observação, percepção, memória e representação.

As atividades foram elaboradas com a preocupação de estimular e auxiliar na construção das operações mentais - as habilidades operatórias necessárias para estimular e desenvolver o pensamento - como reversibilidade, classificação, comparação, descrição, relação e análise, presentes nas atividades desenvolvidas com os professores do magistério indígena, visando a compreensão dos conceitos que estruturam o conhecimento geográfico e, dessa mesma forma, procedessem com as crianças indígenas.

Concluímos que o conjunto de temas e atividades propostos para este curso permitiu uma significativa reflexão sobre a prática docente, para a população indígena, de tal forma que nos auxiliou a compreender que a escola indígena também é o local onde se constrói o conhecimento.

Entendemos que os contextos escolares são diferentes no que se refere à dimensão étnica e cultural, mas as preocupações com os saberes escolares são comuns. Nesse sentido, duas questões principais podem ilustrar essa dimensão: como auxiliar os alunos a conhecer o mundo em que vivemos? O que podemos ensinar do conhecimento geográfico?

A contribuição para a população indígena não está só em compreender o mundo no qual está inserida, mas também possibilitar outras conexões em diferentes escalas de análise.

Nessa perspectiva, definimos o ensino de geografia como um conjunto de saberes que não só ocupam os conceitos próprios, mas os contextos sociais nos quais se apóiam. Ensinar na perspectiva da construção dos saberes não é apenas dominar o conteúdo, mas ter, ao mesmo tempo, um discurso conceitual organizado com uma proposta adequada de atividades, buscando superar os obstáculos da aprendizagem.

Foi com essas preocupações que estruturamos essa proposta, mostrando que o conhecimento geográfico escolar tem uma dimensão que vai além da descrição e da informação, o que ainda muitos professores querem reforçar nas escolas.

A dimensão pedagógica que acreditamos para realizar um trabalho escolar significativo, visa a uma prática educativa, fundamentada teoricamente numa condição para poder inovar na metodologia do ensino e no currículo.

O que é Geografia?



Giselda Pires de Lima

Ao começarmos o trabalho em Geografia, tivemos como objetivo explorar as idéias que se tinha no grupo em relação ao conhecimento geográfico.

A idéia de geografia para a professora Giselda.

O indígena abraçando o globo terrestre, destacando a coruja para representar a fauna e a árvore a vegetação.

A geografia é um ponto de localização de um lugar para outro como na água, na terra e conhecer o mapa que divide o país, os estados, os municípios e o globo mundial.

A geografia é uma ciência e o estudo da superfície da terra, localização de um lugar, mapa que divide o país, os estados, os municípios e o globo mundial. Estuda o homem, a meteorologia, zona urbana, zona rural. E envolve o estudo da matemática.

Essa representação mostra a Geografia como localização, os limites dos diferentes territórios, mas é importante destacar a relação que se faz com a matemática.



Geografia é a ciência da qual nos explica onde estamos, quem somos e como estamos.

Joel Karáí Mirim



A interpretação do professor indígena Joel se aproxima da Geografia como uma ciência que explica os lugares que estão na superfície terrestre. Expressam, de algum modo, as noções de em cima/embaixo, norte geográfico e tridimensionalidade.

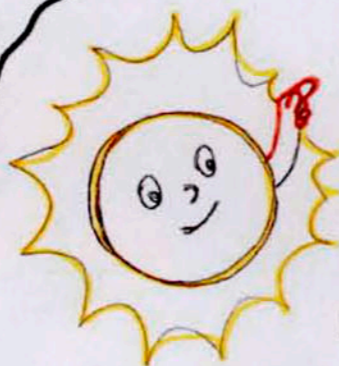
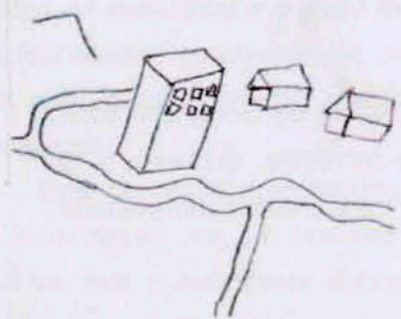
Karai mirim
Joel específico

Tivemos

Pa Pyávy Ikuai Jaxy Tãtã.
A noite tem estrelas



Arapy oikó Kwaray.
O dia tem o sol.



nosso mapa
está riscado
no céu
povo
(guarani)
e em nossa
mente também

No exemplo ao lado, a representação do professor Joel Karai Mirim mostra elementos da natureza, assim como do imaginário. Essas questões, ao serem exploradas, podem servir para refletir sobre a dimensão cultural das pessoas.

O que é Geografia?

Geografia é o estudo dos lagos, montanhas, matas, rios, riachos e planícies que ocorrem dentro da natureza.

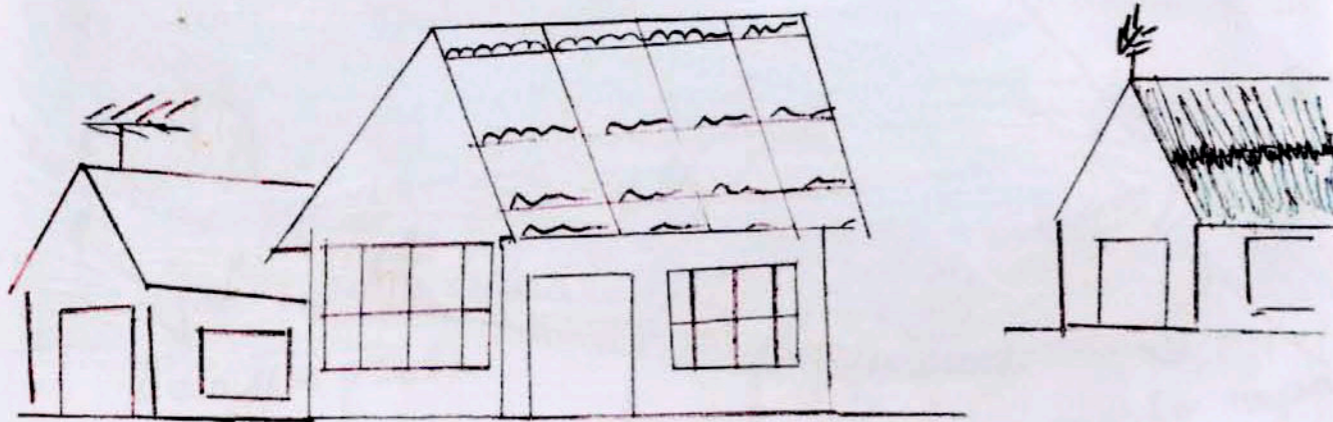
Pedrinho Miri Delane



Para alguns, a geografia é ainda apenas a descrição dos lugares.



*Geografia é que conta sobre a aldeia.
 Quantas pessoas moram, quantas cachoeiras passam perto da aldeia e também
 quantas casas tem na aldeia.
 Odair Euzébio*



Na atividade produzida pelo professor indígena Odair Euzébio, procuramos trabalhar ainda a noção de transformação e de tempo (passado e presente).

Destacamos que houve uma comparação ao representar a aldeia em diferentes períodos, com uma nova organização do lugar.

A partir da idéia que os professores indígenas têm da Geografia pode-se ampliar as observações e análises que se tem dos lugares.



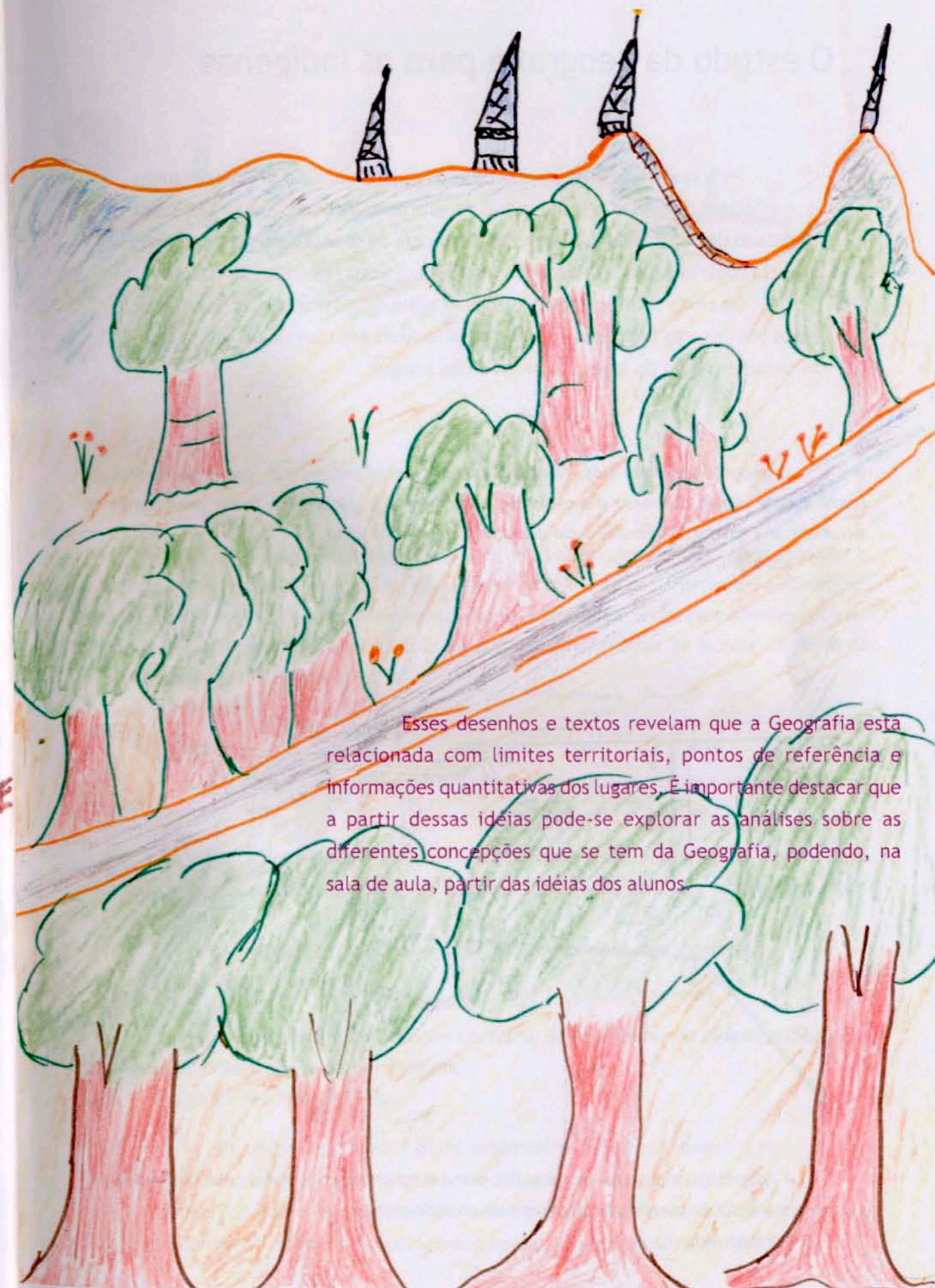
Geografia é tudo, seja na zona urbana ou na zona rural ela está presente em qualquer lugar.

*Exemplos: as terras, casas, prédios, mapas, fotografias, rios, paisagem e o clima.
 Os pontos de referência, a altitude medida de limite de um estado para outro.
 Ivani Barbosa.*

Para o professor indígena Carlos Roberto Indubrasil, a Geografia pode ser representada por um mapa, do lugar de vivência, no caso Estado de São Paulo, além de mostrar as diferenças que ocorreram no tempo (passado e presente). Dessa forma, é uma atividade que contribui para ampliar a compreensão da realidade.



*Geografia é uma ciência que descreve a superfície da Terra.
Carlos Roberto Indubrasil*



Esses desenhos e textos revelam que a Geografia está relacionada com limites territoriais, pontos de referência e informações quantitativas dos lugares. É importante destacar que a partir dessas ideias pode-se explorar as análises sobre as diferentes concepções que se tem da Geografia, podendo, na sala de aula, partir das ideias dos alunos.

Marcia A. M. de Campos

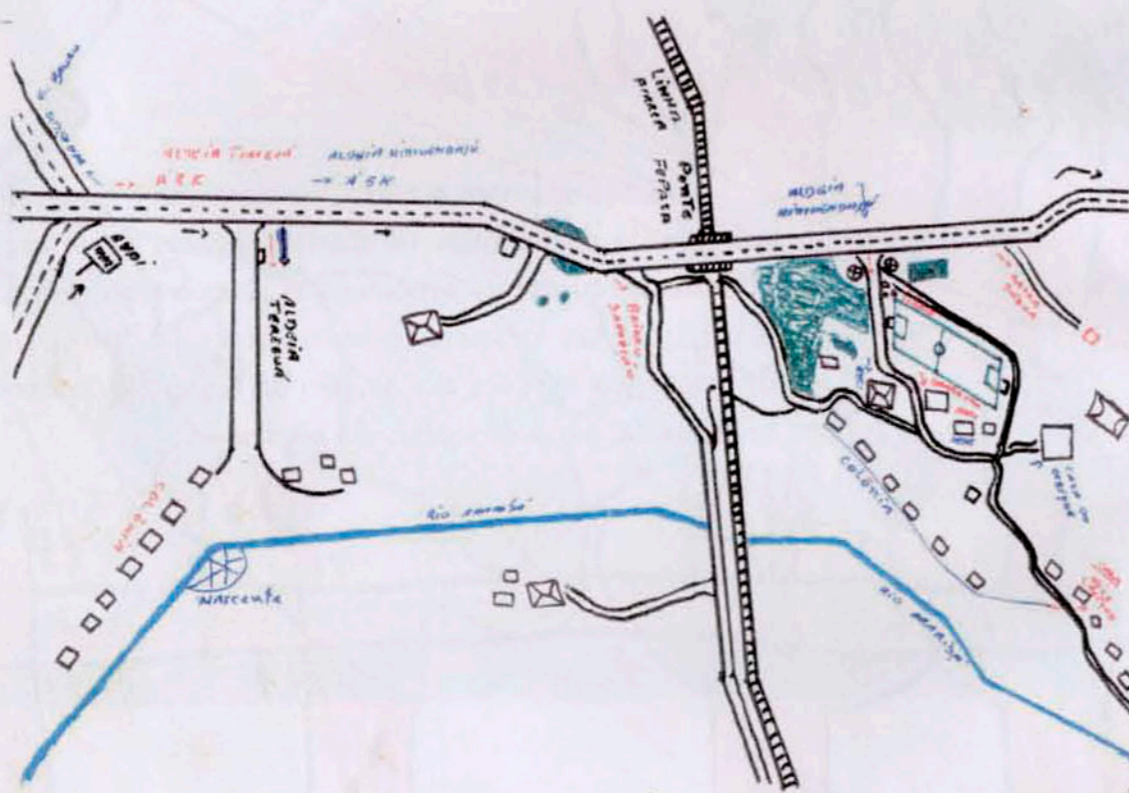
O estudo da geografia para os indígenas

Para que serve a geografia para os indígenas? Essa é uma pergunta que amplia a discussão sobre o que é geografia. Queremos que os indígenas do estado de São Paulo entendam a importância de se estudar esta disciplina, pois ela contribui para a leitura do mundo, para a compreensão da realidade.

De certa forma, essas questões ficaram claras nos textos elaborados pelos professores indígenas, quando relacionam as mudanças no tempo com as características do lugar. Como veremos a seguir.

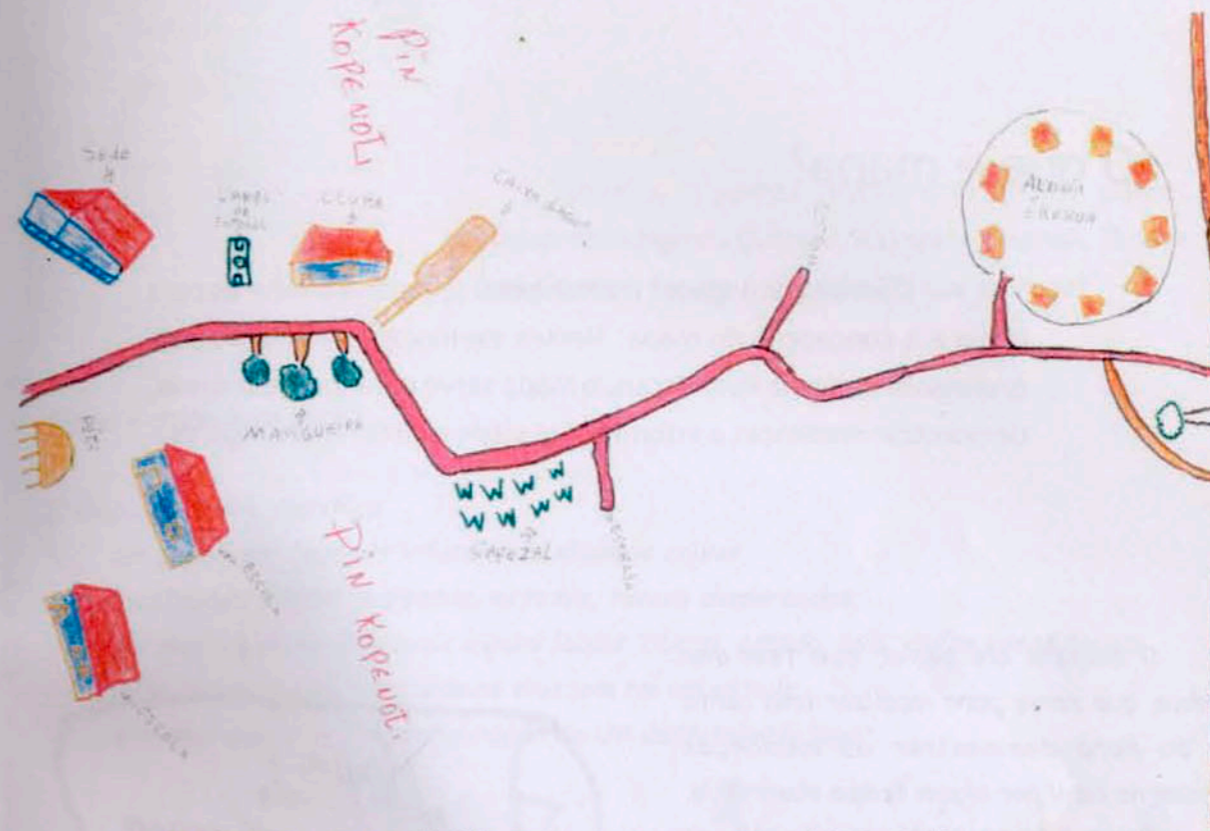
A geografia estuda rios, floresta, áreas, plantas enfim, tudo que a gente faz durante a convivência do nosso dia-a-dia algumas delas são geografia. Todos precisamos da natureza, e a natureza oferece tudo que precisamos para viver.

Karái Mirim



A geografia serve para muita coisa, por exemplo: saber qual é o estado e município que moramos e saber quantos habitantes tem na aldeia.

Adriana Macena



Conhecer a geografia é importante para as comunidades indígenas para conhecer o relevo da aldeia, ajuda na agricultura, na pesquisa do solo e no reflorestamento. Contribui para escolher o início da plantação de matas ciliares. A importância dos rios e paisagens, e na demarcação das terras a geografia ajuda nos pontos de referência, os marcos de limite da área indígena e dos fazendeiros.

Alício Lipu

A geografia serve para estudar o espaço, mapas, natureza, lugares, estados, plantas de uma construção etc.

Ela serve para estudar os acidentes físicos ocorridos na superfície terrestre; para descrever o clima, a vegetação, o solo, entre outros fatos ocorridos num determinado lugar onde você "mora".

Ter mais conhecimento sobre o espaço ocupado por nós, que é o mundo.

Valmir Mirim Macena

Para saber os fenômenos naturais da terra, para conhecer as aldeias, municípios, cidades. E serve para não se perder também.

Francisca Martins da Silva

Os textos elaborados pelos professores indígenas apresentam diferentes visões sobre para que serve estudar geografia, no entanto, ressaltamos que a geografia é um conhecimento que contribui para aprofundar os saberes que vem sendo passado de geração para geração.

O que é mapa?

Com essa atividade, trabalhamos os possíveis olhares para o uso e a concepção do mapa. Nesses exemplos, elaborados pela professora indígena Poty Poran, o mapa serve para localizar áreas, demonstrar mudanças e informações sobre os diferentes lugares.

O mapa é um papel, que tem uns desenhos, que serve para localizar uma certa área ou para demonstrar as mudanças ocorridas no local por algum tempo observado.

Mostra estatísticas. Localizar tesouros, delimitar espaços territoriais (terras indígenas também).

E tem o mapa astral que mostra como é sua personalidade (acho).

Poty Poran T. Carlos



A visão da professora indígena Poty Poran a respeito do que é um mapa.



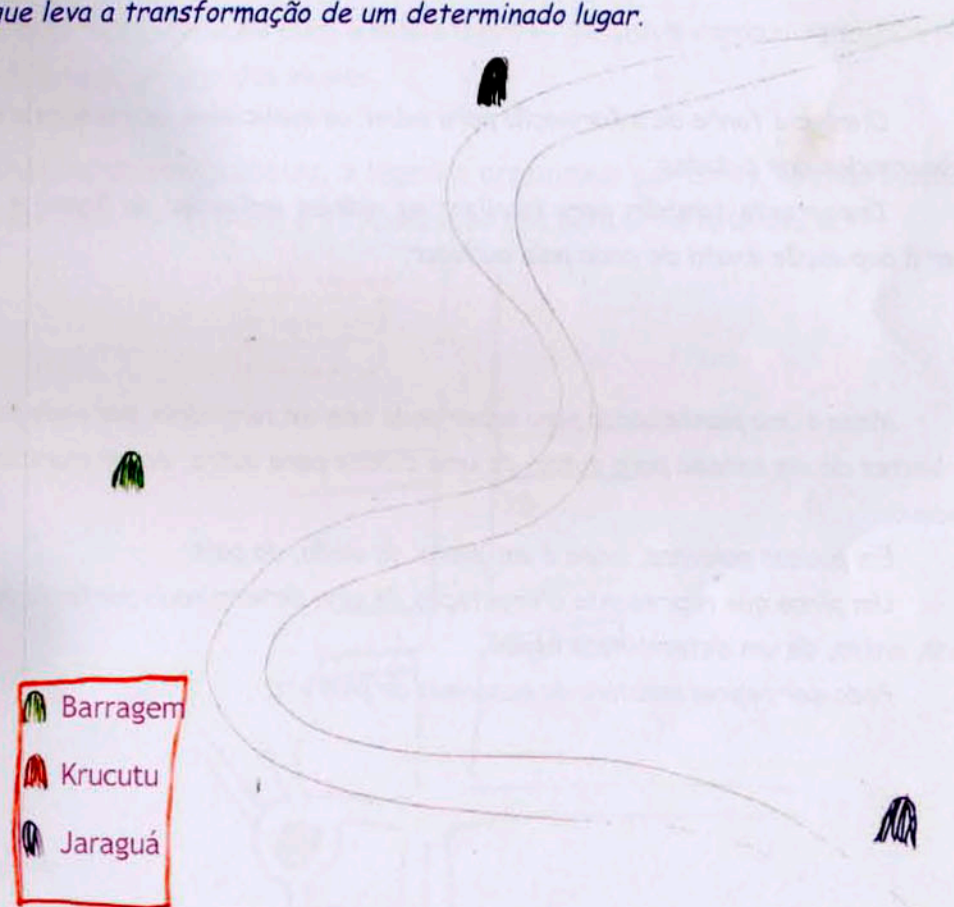
- Indígenas Kayapó
- Mata
- Rio
- Garimpeiro
- Madeireiros

Abaixo, algumas interpretações de outros professores indígenas Guarani, Kaingang, Krenak, Terena e Tupi-Guarani frente à questão "O que é mapa?"

O que é mapa para você?

O mapa para mim significa:

- um papel com legenda informando algumas coisas,
- mostrando aldeias indígenas, estados, terras demarcadas,
- ele mostra as mudanças de alguns locais, bairro, estado, país, enfim essas coisas,
- nele, posso ver quantas aldeias existem em um estado,
- o tempo que leva a transformação de um determinado lugar.



Nesse exemplo, os professores indígenas localizaram as aldeias e organizaram uma legenda.

O mapa é uma localização de um lugar para outro. Exemplo: para a cidade localizar as nossas terras indígenas.

O mapa é uma foto que mostra os lugares. Exemplo: o mapa de uma aldeia é um registro que identifica o lugar. Através do mapa, podemos ver e observar tudo o que existe no lugar e conhecer como ele é.

O mapa é como um arquivo, porque é nele que encontramos a localização dos países do mundo, estados e municípios.

O mapa é fonte de informação para saber os municípios, os estados e avenidas mais movimentadas das cidades.

Importante também para localizar as aldeias indígenas do Brasil e também para saber a população exata de cada país ou lugar.

Mapa é uma planta usada para saber onde tem um território, por onde passa as divisas e os limites de um estado para outro, de uma cidade para outra, de um município para outro município.

Em poucas palavras, mapa é um 'plano' da união, do país.

Um plano que representa a vegetação de uma determinada parte do país ou estado, cidade, enfim, de um determinado lugar.

Pode ser representativo da economia do país etc.

No conjunto das interpretações em relação à função do mapa, podemos afirmar que para os professores indígenas, independente da sua cultura, a localização, as informações, os limites territoriais são elementos importantes presentes nas representações cartográficas.

Letramento cartográfico

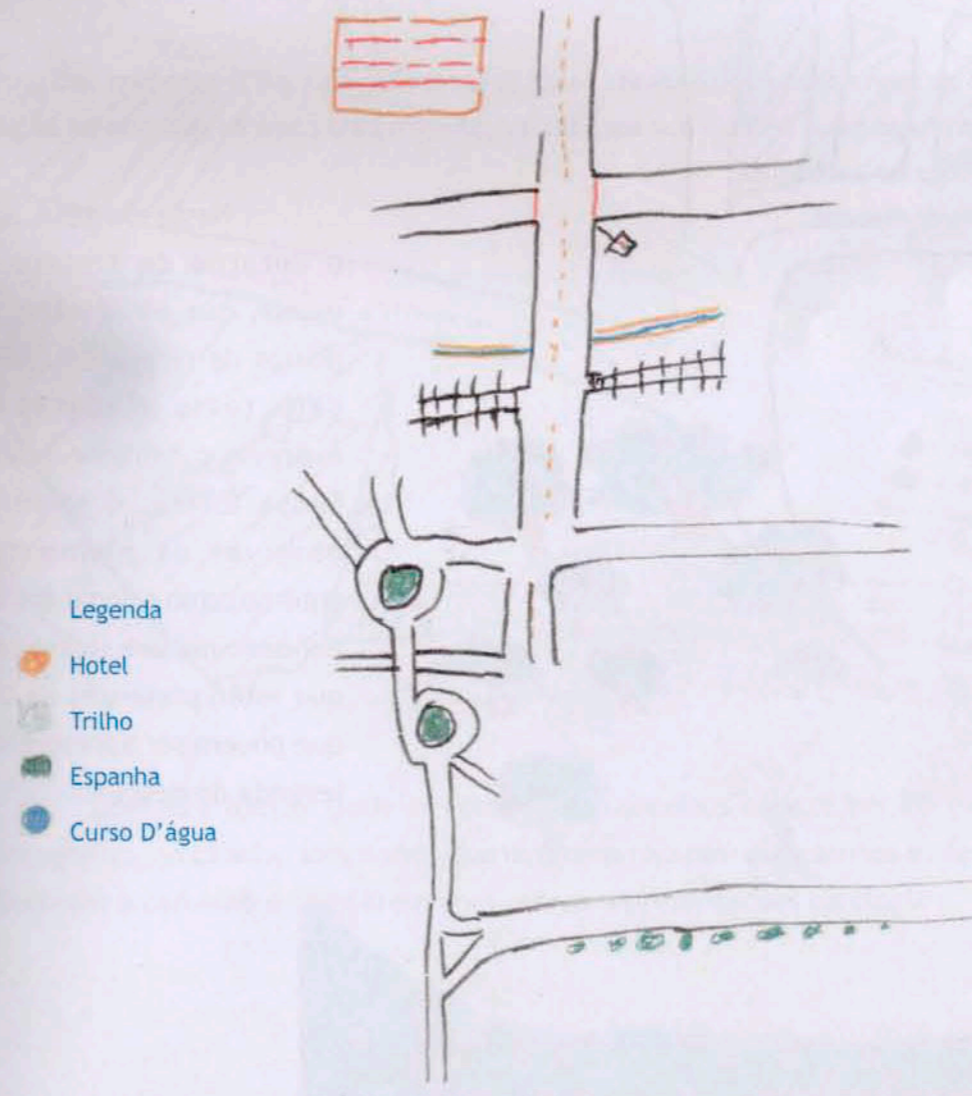
No processo de letramento cartográfico, os conceitos de visão vertical e oblíqua são importantes para leitura e elaboração do mapa. Essa atividade foi desenvolvida após a construção de uma maquete da aldeia. Essa sequência didática teve o objetivo de explorar os conceitos: imagem tridimensional e bidimensional; visão vertical e oblíqua; legenda; localização e escala/proporção.

Mapa mental – o trajeto entre dois pontos.

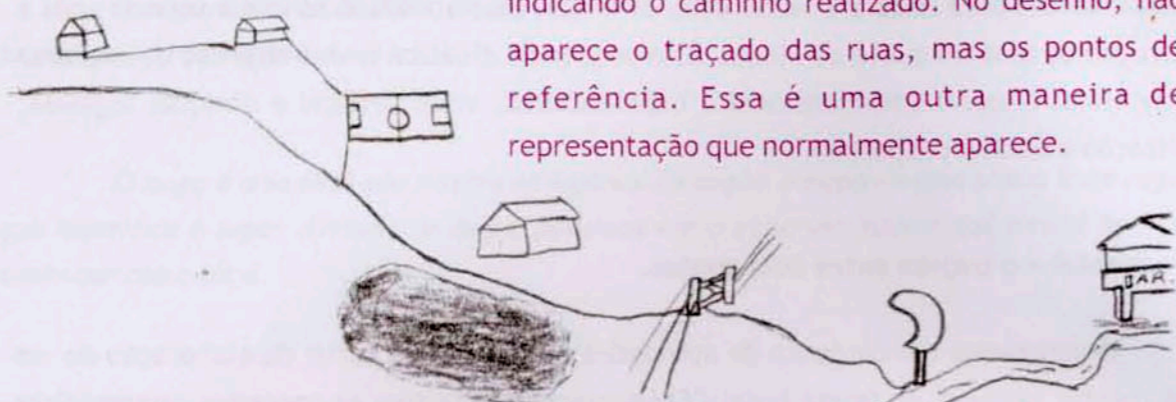
Organizamos um conjunto de atividades, iniciando-o a partir da elaboração de um mapa mental, ou seja, o trajeto hotel-CEFAM, para explorarmos os conceitos cartográficos como localização, pontos de referência, legenda, visão vertical, proporção, entre outros.

Quando se desenvolve atividades na perspectiva do "letramento cartográfico", é relevante propor uma representação com o mapa mental, inclusive como diagnóstico para se avaliar o conhecimento prévio dos alunos.

Observamos, no exemplo abaixo, a legenda organizada por cores, as ruas traçadas na visão vertical (de cima para baixo) e a localização dos pontos de referência.



Nesse caso, foi alterado o trajeto proposto (casa-bar) e houve a elaboração de um texto, indicando o caminho realizado. No desenho, não aparece o traçado das ruas, mas os pontos de referência. Essa é uma outra maneira de representação que normalmente aparece.



Agora, descreva o caminho que você poderá fazer para ir de casa ao bar.

Quando eu vou para o bar, saio de casa passo pelo centro cultural e depois passo pelo campo e açude e também pelo portão principal. Logo ao chegar na pista tem um orelhão e alguns minutos depois eu chego no bar.

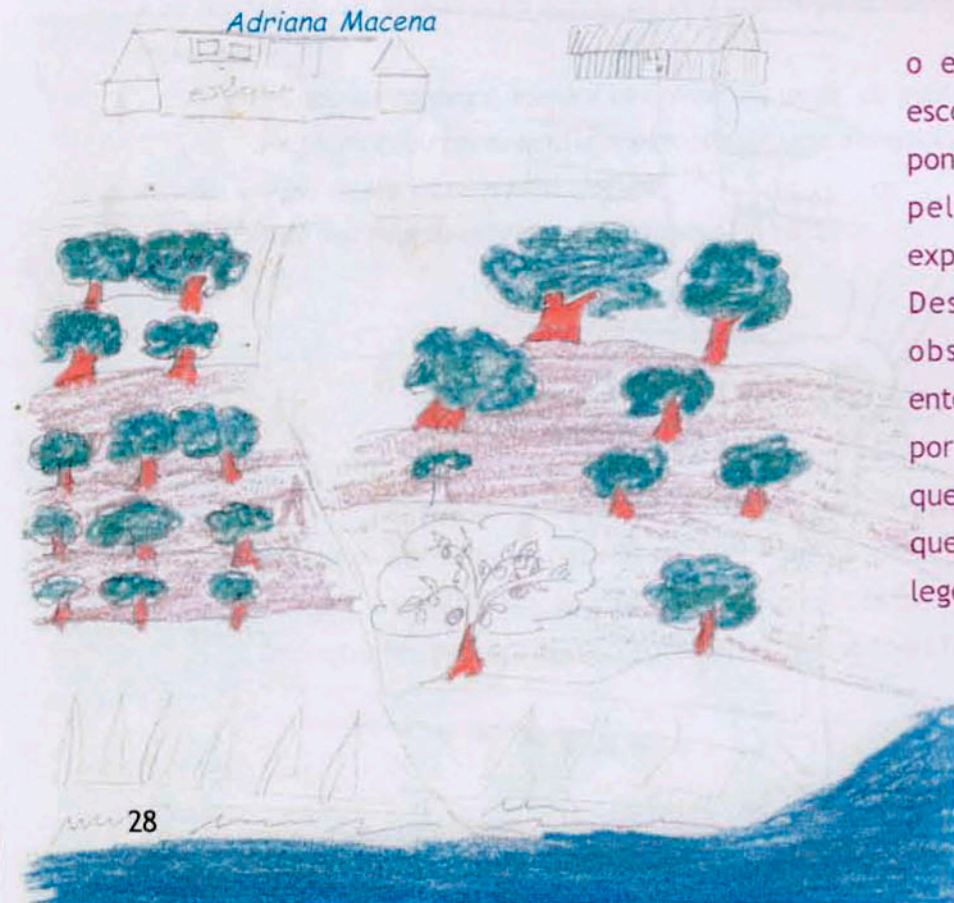
Karáí Mirim

Agora, saindo de casa, descreva o caminho que você poderá fazer para chegar à cachoeira.

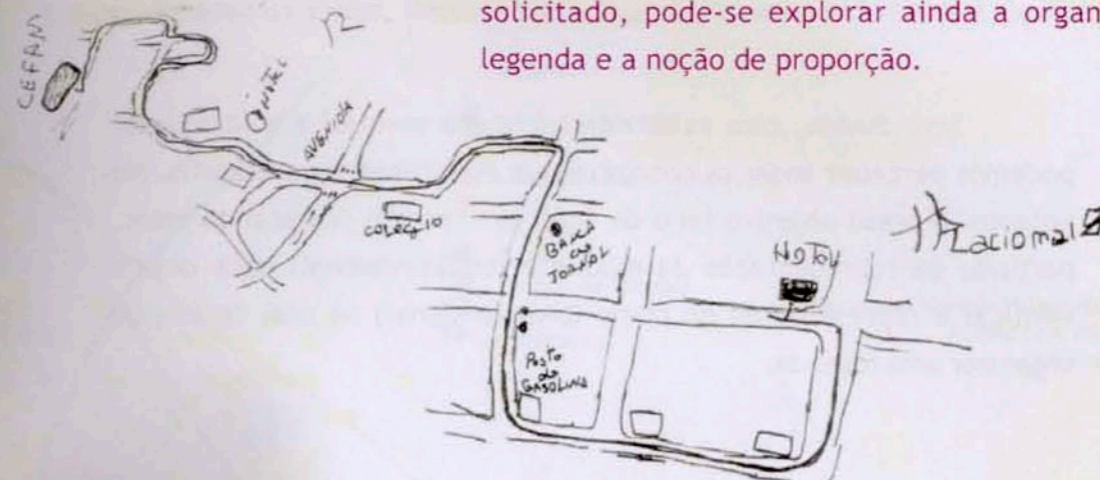
Saio da minha casa e vou andando passo pela escola e bem em frente tem uma entrada na esquerda e chego numa trilha - que vai para a cachoeira pelo caminho que tem pé de jaca e finalmente chego na cachoeira.

Adriana Macena

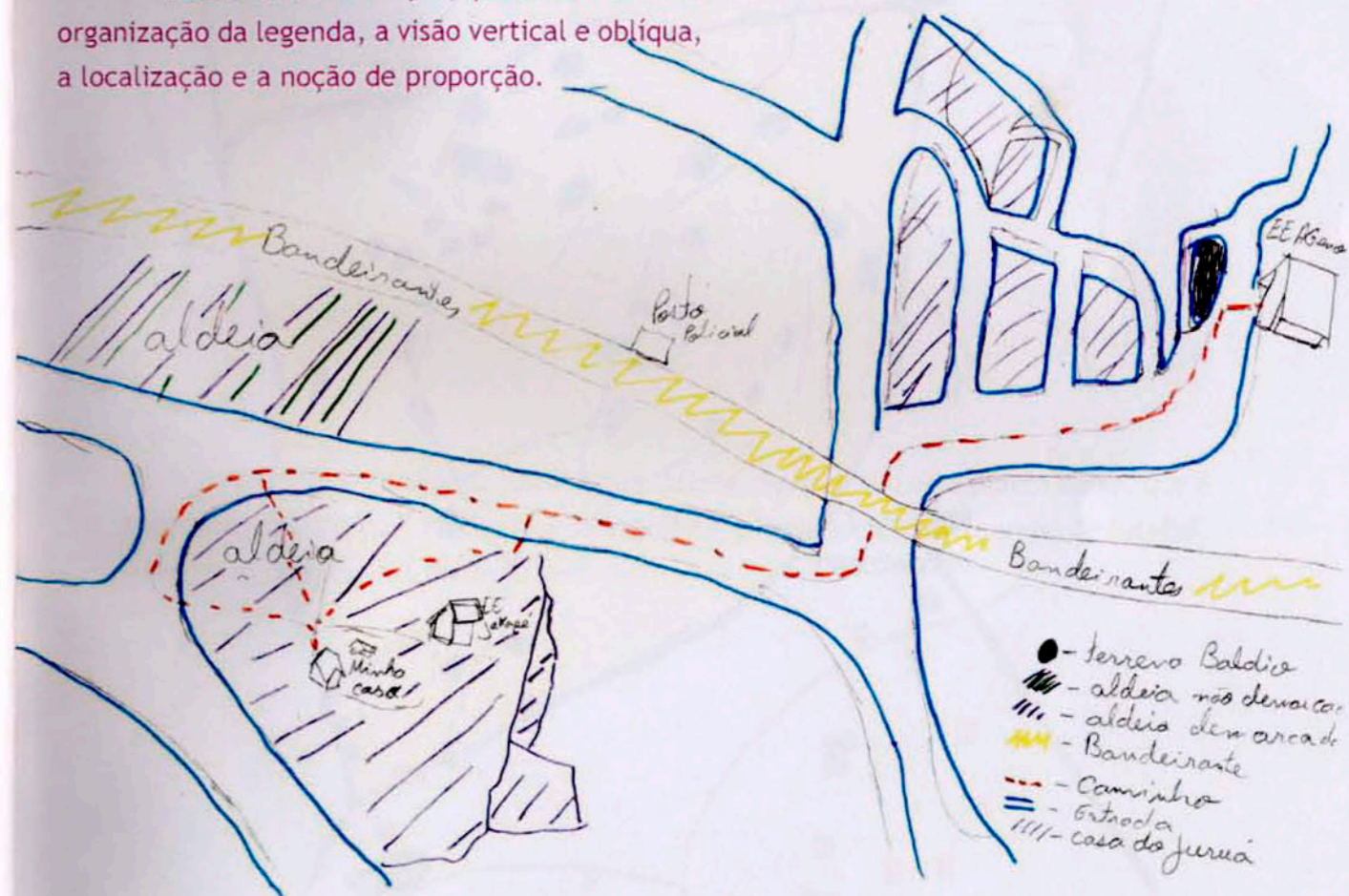
Nesse exemplo, aparece o entorno do trajeto casa-escola, que no desenho são os pontos de referência. Somente pelo texto elaborado fica expresso o caminho realizado. Dessa forma, é importante observar os elementos do entorno como o nome dos lugares por onde passam (trilha, mata), que estão presentes no texto e que podem ser apresentados na legenda do desenho.



Nesse caso, observamos que o desenho feito na visão vertical, localizando os pontos de referência como solicitado, pode-se explorar ainda a organização da legenda e a noção de proporção.

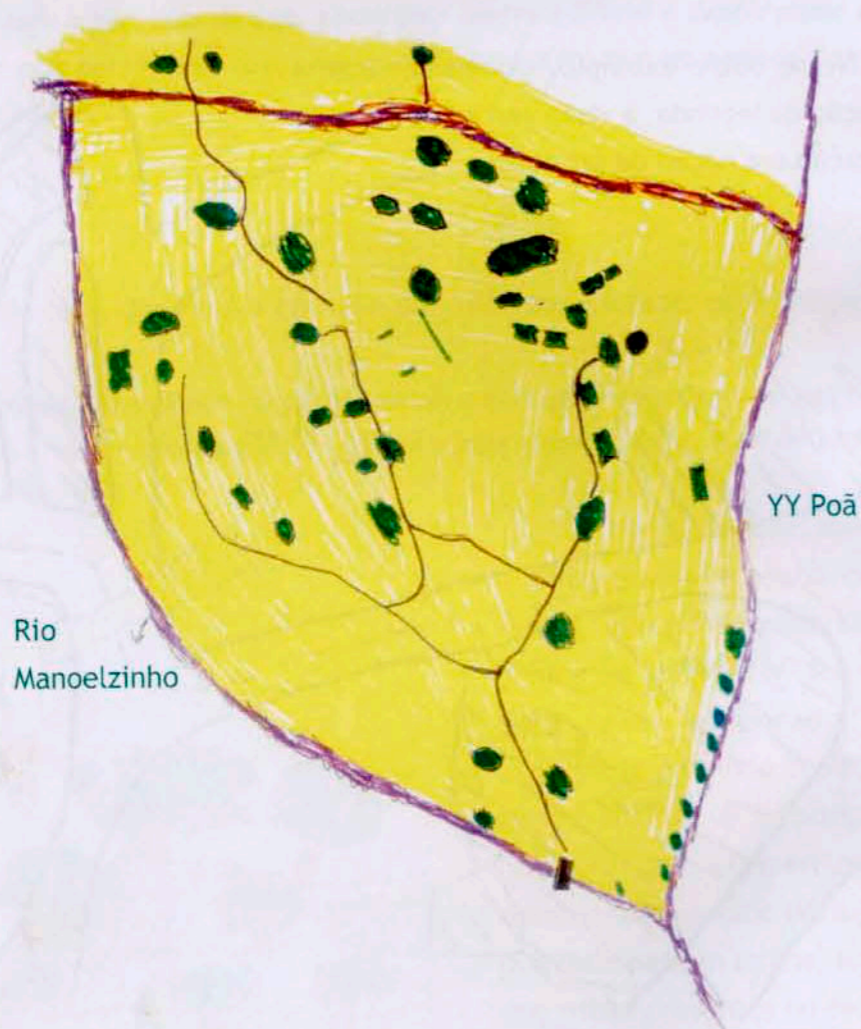


Nesse outro exemplo, podemos notar a organização da legenda, a visão vertical e oblíqua, a localização e a noção de proporção.



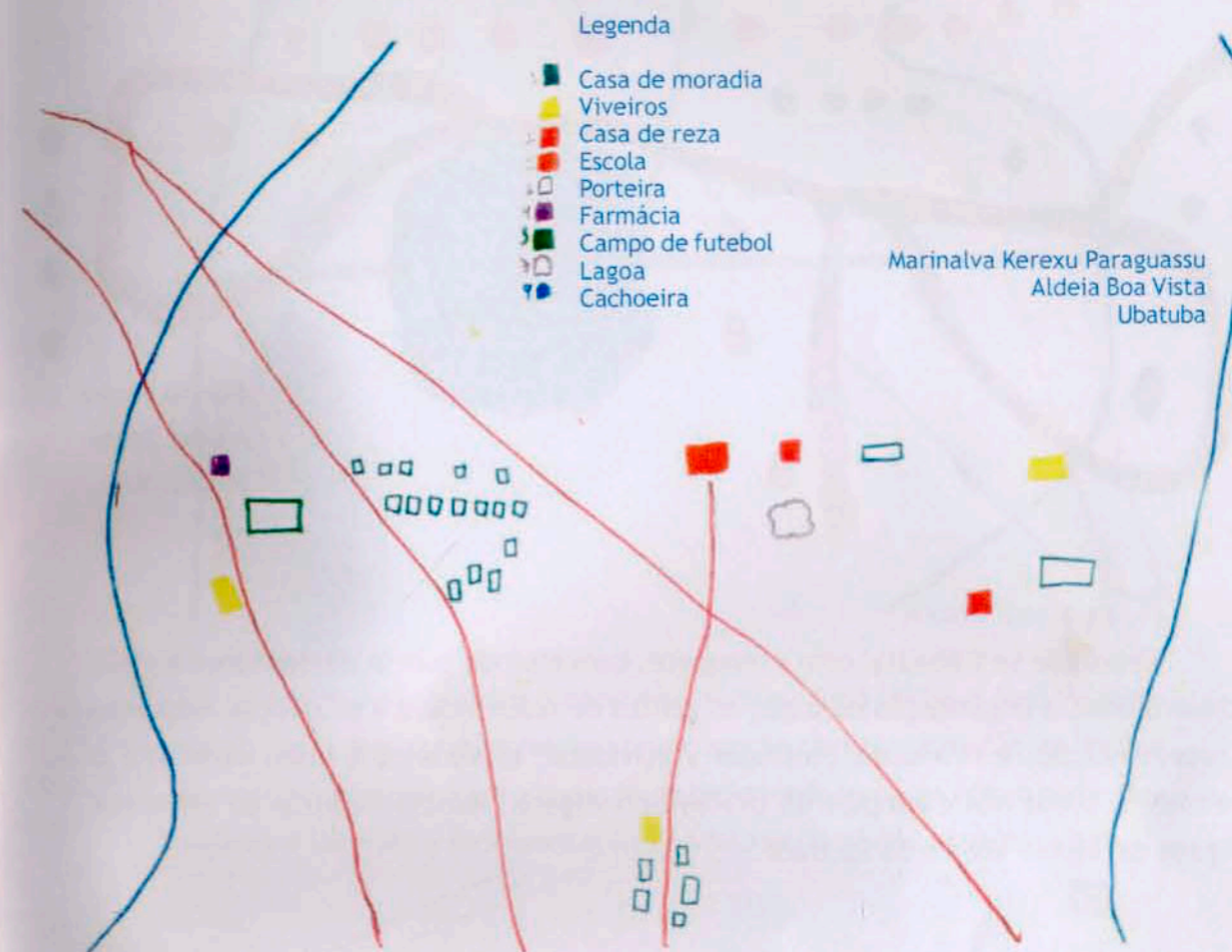
Com os trajetos, pode-se retomar os conceitos básicos para o estudo cartográfico, já citado, solicitando que os alunos refaçam os desenhos e, depois, observem o caminho e comparem com outras representações da classe.

Sem dúvida, com as atividades 'mapa mental' e a 'maquete' podemos perceber todos os conceitos que estruturam a cartografia. No entanto, o nosso objetivo foi o de fazer um recorte destacando estes, partindo da representação da maquete (tridimensional) para depois verificar a representação no plano (bidimensional) na qual teriam de organizar uma legenda.

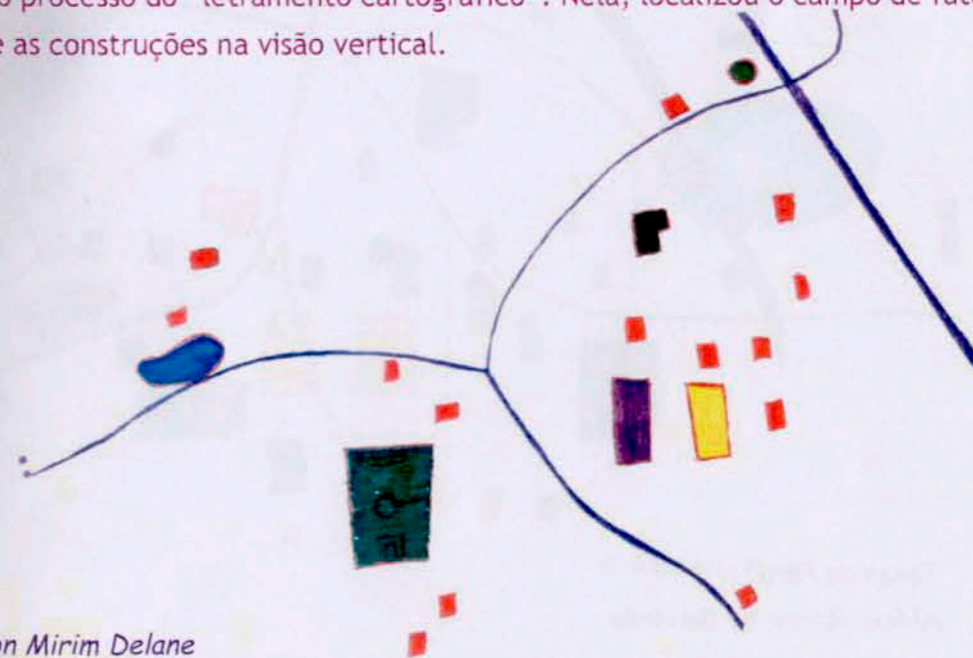


Neste exemplo, destacou-se o limite territorial e também diversas informações sobre o lugar, que foram representadas na visão vertical.

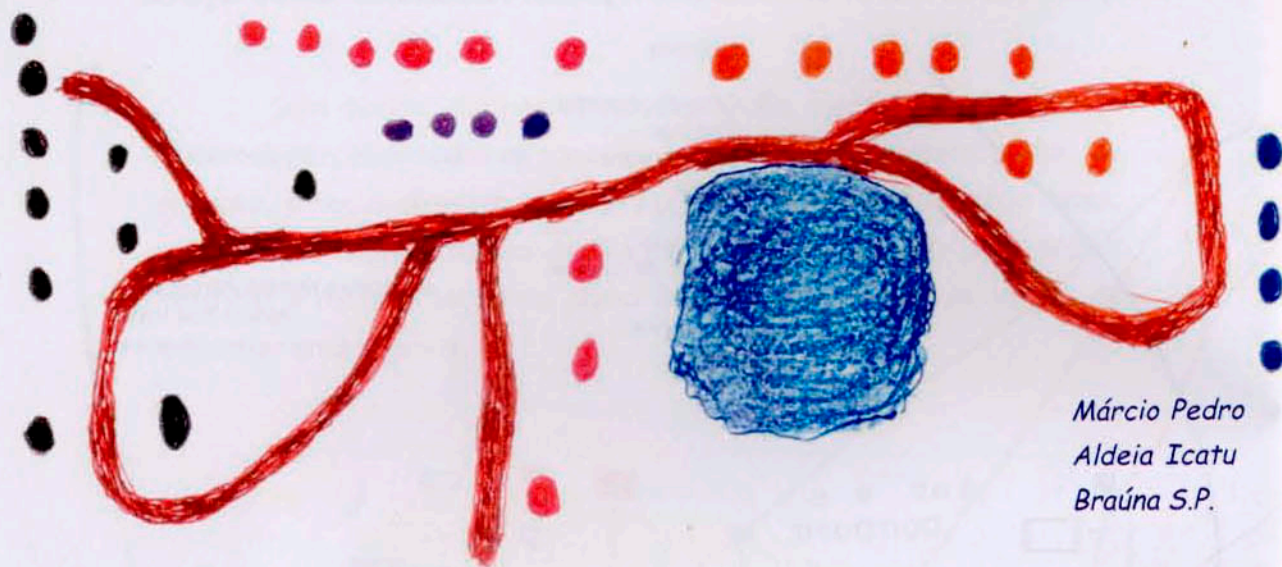
Nesse exemplo, a professora indígena Marinalva Kerexu Paraguassu, ao fazer a representação na visão vertical da maquete, destacou os limites territoriais e a organização da aldeia. Destacamos a legenda relacionando cores e lugares.



O professor indígena Edson Mirim Delane representou uma planta baixa, que é parte do processo do "letramento cartográfico". Nela, localizou o campo de futebol, o lago e as construções na visão vertical.



Edson Mirim Delane
Aldeia Tenomde Porã

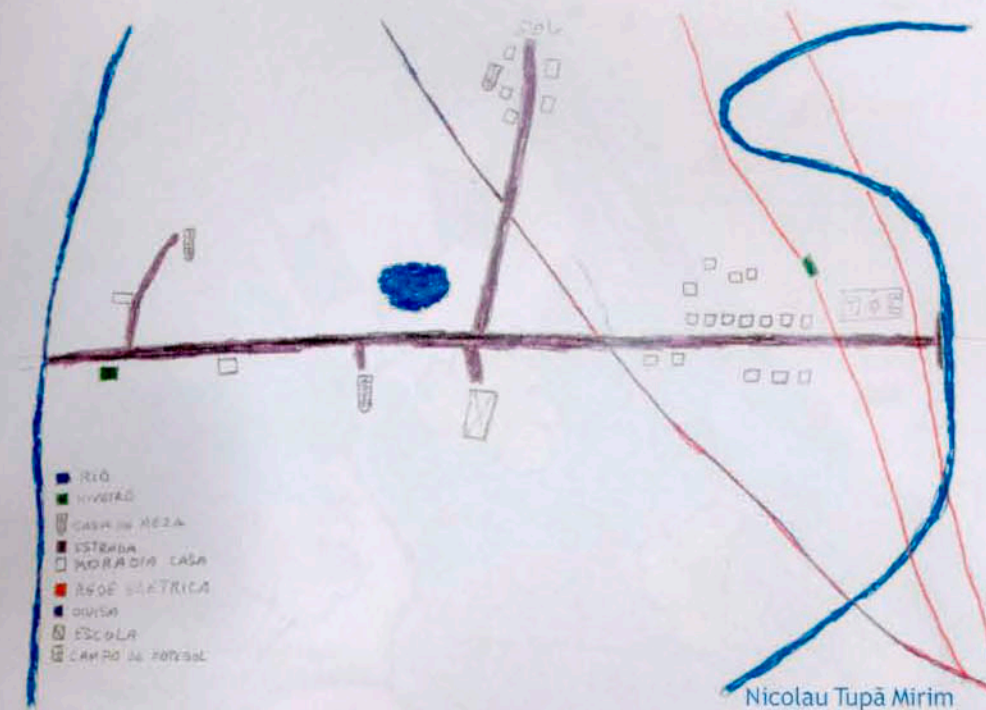


Márcio Pedro
Aldeia Icatu
Braúna S.P.

Depois de se trabalhar com a maquete, conversando com os alunos sobre a visão tridimensional, a organização do lugar, os pontos de referência e a proporção existente na representação, é relevante continuar a atividade, explorando a visão vertical e a localização, como nos exemplos do professor indígena Márcio Pedro e do professor indígena da aldeia Morro da Saudade.

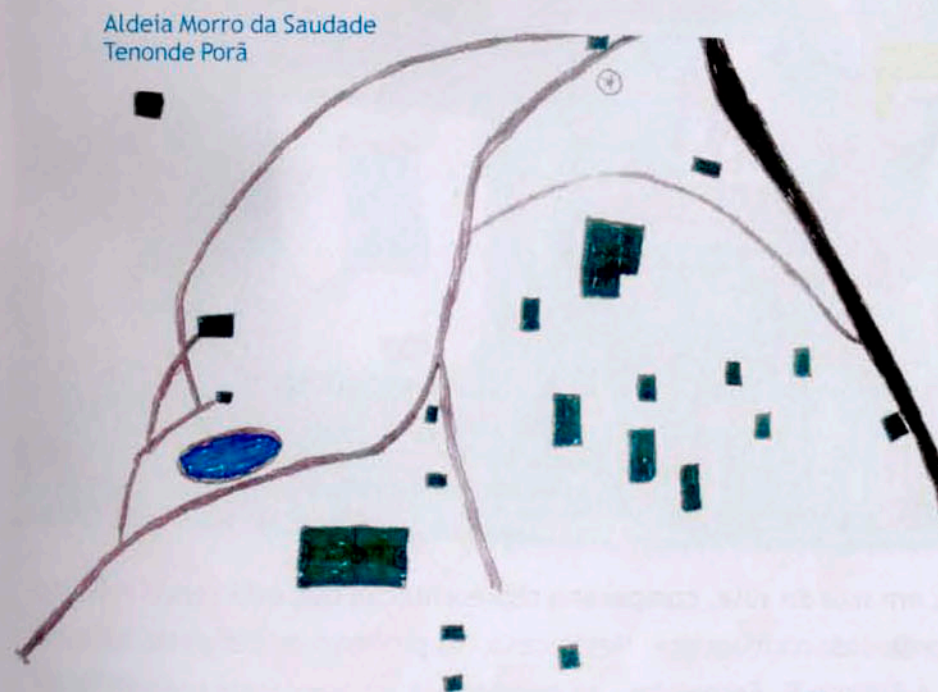


Tenomde Porá
Aldeia Morro da Saudade



Nicolau Tupã Mirim

Nos desenhos dos professores Nicolau Tupã Mirim e José Roberto Karai, destacamos que houve uma preocupação com a localização, os limites territoriais; organizaram a legenda, relacionando as cores com o nome dos lugares e fazendo a representação na visão vertical (de cima para baixo).

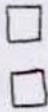


José Roberto Karai

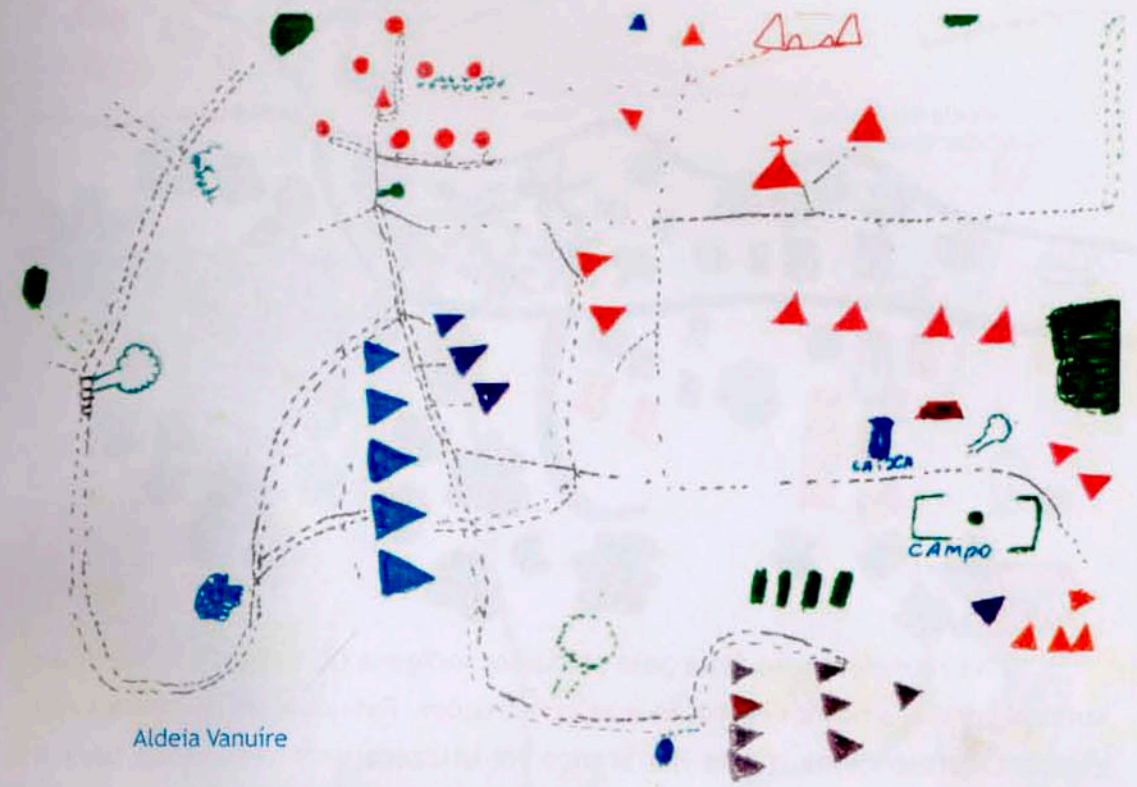
Aldeia Pindo Ty

João da Silva
Ângelo Silveira
Edilson Euzébio Fernandes

LEGENDA



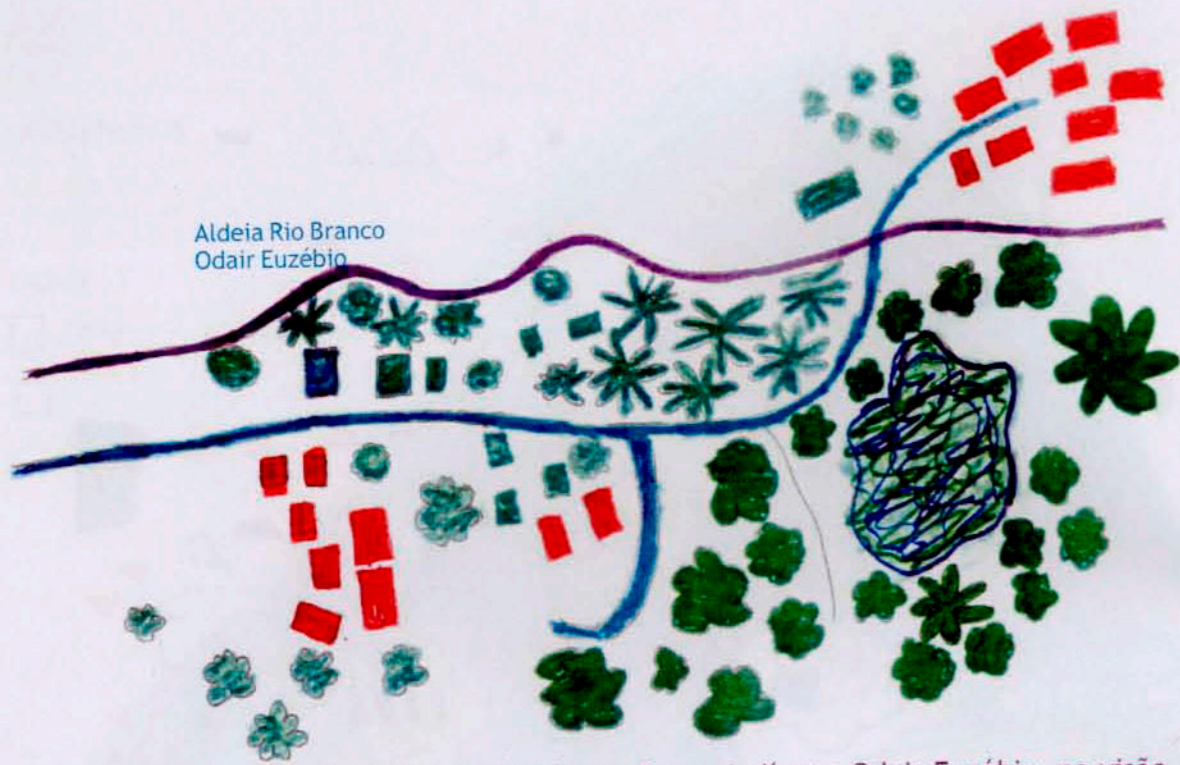
É importante, em sala de aula, comparar a representação que está sendo feita no papel com a que foi construído na maquete. Nesse caso, os professores indígenas João da Silva, Ângelo Silveira e Edilson E. Fernandes, ao compará-la, conservaram o entorno da aldeia, as ruas, a vegetação e a maneira como a aldeia está organizada.



Nessas representações, chamamos a atenção para a diferença na organização espacial das aldeias: a aldeia Ékerua tem formação circular e é mais concentrada; já a aldeia Vanuire é mais dispersa e tem ruas, com destaque para a vegetação. A partir dessas representações, tanto na maquete quanto no desenho, pode-se destacar os elementos culturais de cada povo indígena.



Aldeia Ékerua
Tereza Silvério



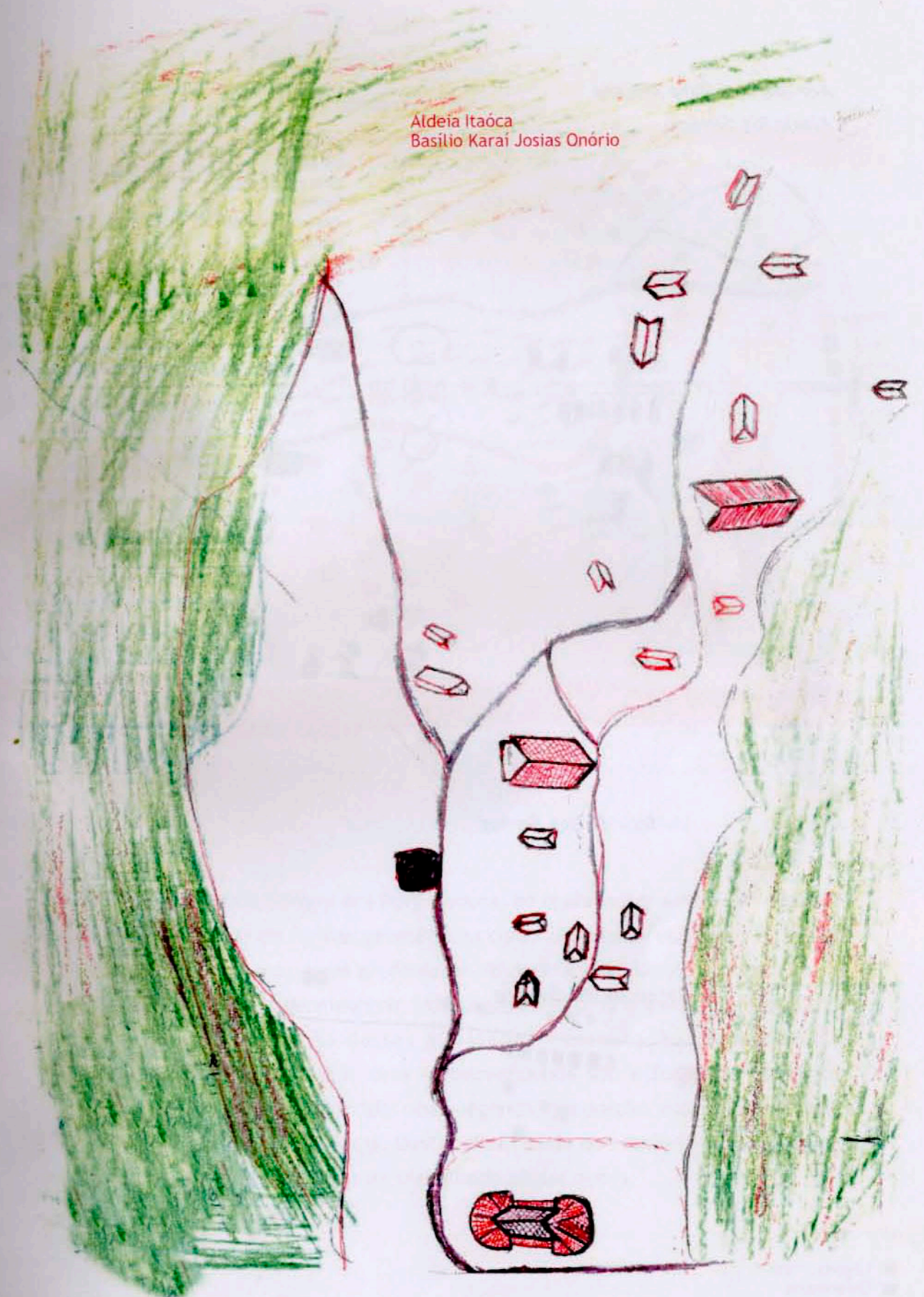
Aldeia Rio Branco
Odair Euzébio

Na representação feita pelo professor indígena Odair Euzébio, na visão vertical, destacamos a vegetação e as construções. Ressaltamos que para cada elemento presente na aldeia Rio Branco foi utilizada uma cor: verde para a vegetação, vermelho para construções e roxo e azul para as vias de circulação.

Já o professor indígena Valdecir representou a aldeia destacando as vias de circulação - estrada, ferrovia e rio -, localizando os limites da aldeia.



Aldeia Nimuendajú
Valdecir Ribeiro Alves



Aldeia Itaóca
Basílio Karai Josias Onório

Na representação da aldeia Itaóca, feita pelo professor indígena Basílio, destacou-se as construções das casas, o arruamento e o entorno com a vegetação em cor verde.

Adriana Ará Poty Macena
Aldeia Rio Silvério

Legenda

1. casa de reza
2. escola
3. casa de moradia
4. farmácia
5. campo de futebol
6. porteira
7. lagoa
8. viveiro de plantas
9. cachoeira

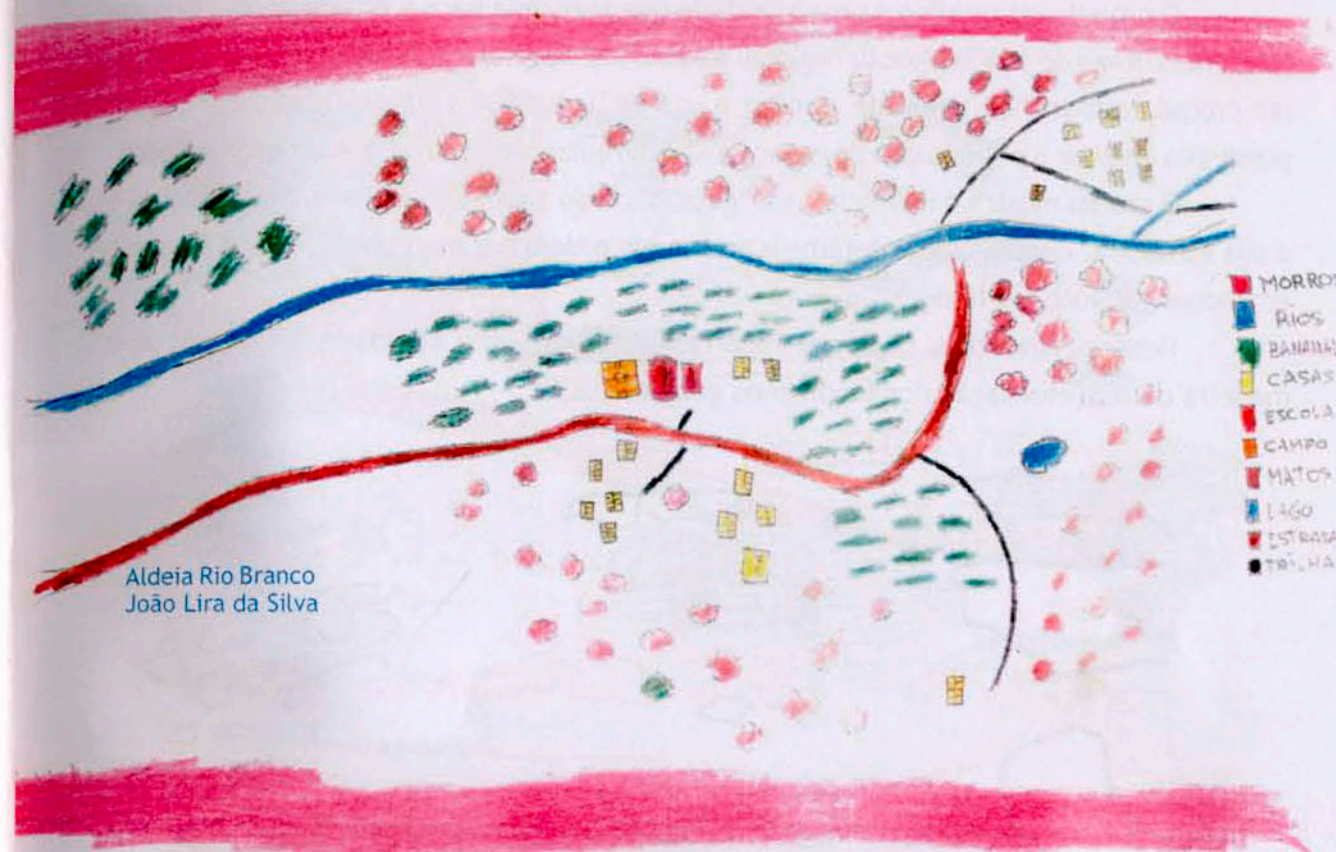


Valdecir F. Dos Santos

Aldeia do Rio Silveira



- Lagoas, rios
- Enfermaria
- Casa
- Viveiros
- Escola
- Casa de reza
- Campo de futebol
- Portão



- MORROS
- RIOS
- BANHA
- CASAS
- ESCOLA
- CAMPO
- MATOS
- LAGO
- ESTRADA
- TRILHA

A professora Adriana Ará Poty Macena, ao representar a maquete na visão vertical, utilizou-se de formas geométricas como círculos e retângulos e indicou os lugares por número. Já os professores Valdecir F. dos Santos e João Lira da Silva, além das formas geométricas, utilizaram cores para organizar a legenda.

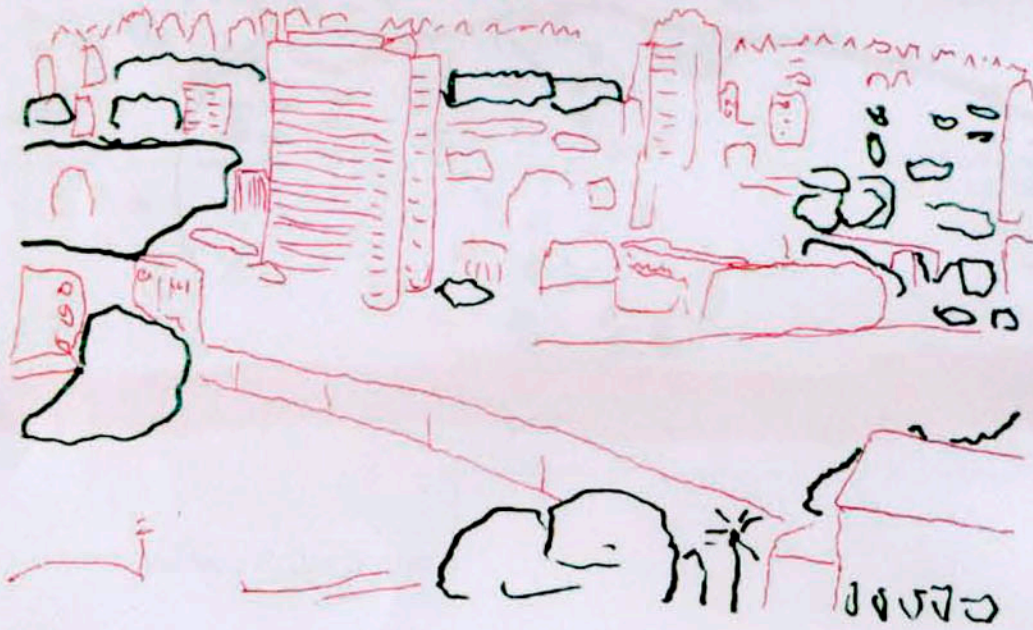
Após a realização dessas atividades - elaboração da maquete e representação bidimensional dela -, conversamos sobre todos os conceitos cartográficos que são desenvolvidos como legenda, proporção/escala, localização, orientação e ponto de referência. Destacamos ainda que o alfabeto cartográfico - linha, ponto e área - também foi trabalhado nessas ações.

Letramento cartográfico: Croqui cartográfico

O croqui cartográfico é uma atividade que contribui para o estudo geográfico em diferentes níveis de análise (local, regional e mundial). Aprender a ler um mapa ou elaborar um croqui cartográfico, além de ampliar o uso da linguagem cartográfica no cotidiano, possibilita analisar a organização do espaço e a hierarquização dos elementos representados.

O croqui mostra o essencial, a originalidade do complexo do local e do regional e a sua estrutura, destacando o detalhe e colocando ordem nos elementos presentes tanto em mapas, quanto em fotografias.

Nessa perspectiva, julgamos importante explorar essa atividade como mais uma maneira de representação dos fenômenos geográficos.

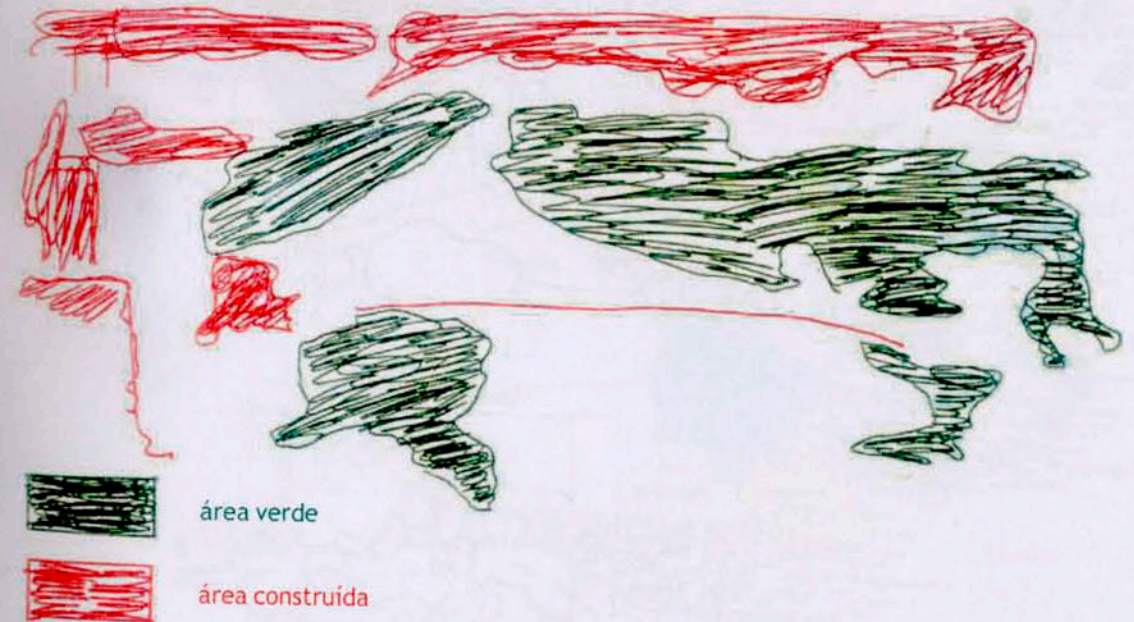


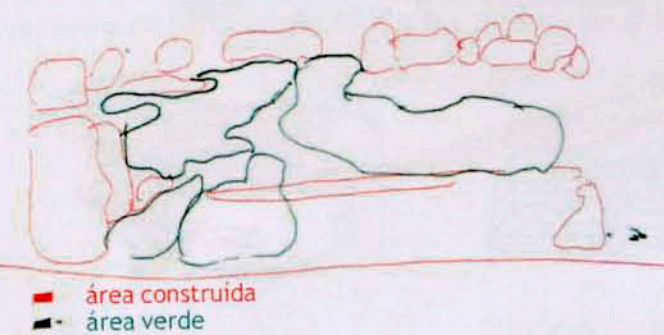
Desenhos representando o essencial da leitura da fotografia (área construída e com vegetação), acompanhados de legenda.

- área construída
- área verde

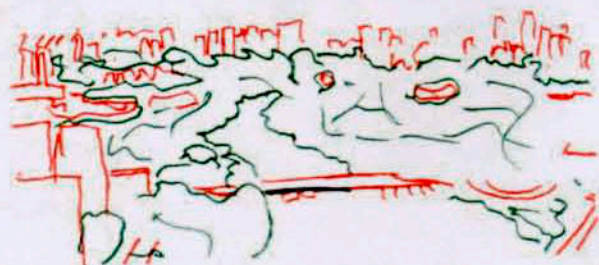
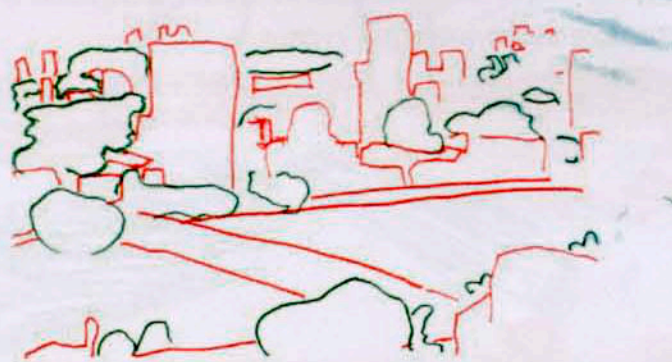


Os professores indígenas depois de analisarem as fotografias, destacando na conversa as construções e as mudanças que ocorreram nesse lugar, contornaram os elementos que caracterizam as áreas construídas e as áreas com algum tipo de vegetação e elaboraram um croqui.





Além da fotografia, a partir de leitura de mapa pode também ser feito o croqui, que destaca também os elementos e os lugares que se quer estudar com mais profundidade. Essa atividade permite que os professores analisem as mudanças que ocorrem na natureza e a intensidade delas a partir das ações humanas.



área construída
área verde

LETRAMENTO CARTOGRÁFICO: LEITURA DE MAPA - TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL

Ao fazer leitura de mapa, tivemos como objetivo fazer a sistematização do trabalho com "letramento cartográfico". Nossa preocupação foi a de criar condições para que os conceitos cartográficos fossem aplicados em outras situações didáticas. Nesse caso, exploramos a localização de estados brasileiros onde se encontram outros povos indígenas.

A partir da leitura dos mapas das terras indígenas no Brasil, pedimos para que elaborassem um texto descrevendo os lugares e o que eles observaram a partir da leitura do mapa. A mesma solicitação foi feita para a leitura do mapa do estado do Acre, elaborado por outra nação indígena.

Ao comparar as várias situações vivenciadas pelos indígenas brasileiros, os professores indígenas puderam verificar a própria realidade com as de outros povos e, assim, compreender melhor a vida da população indígena brasileira, da qual ele faz parte.

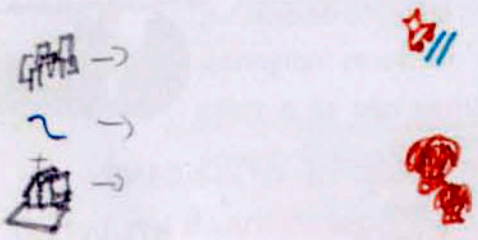
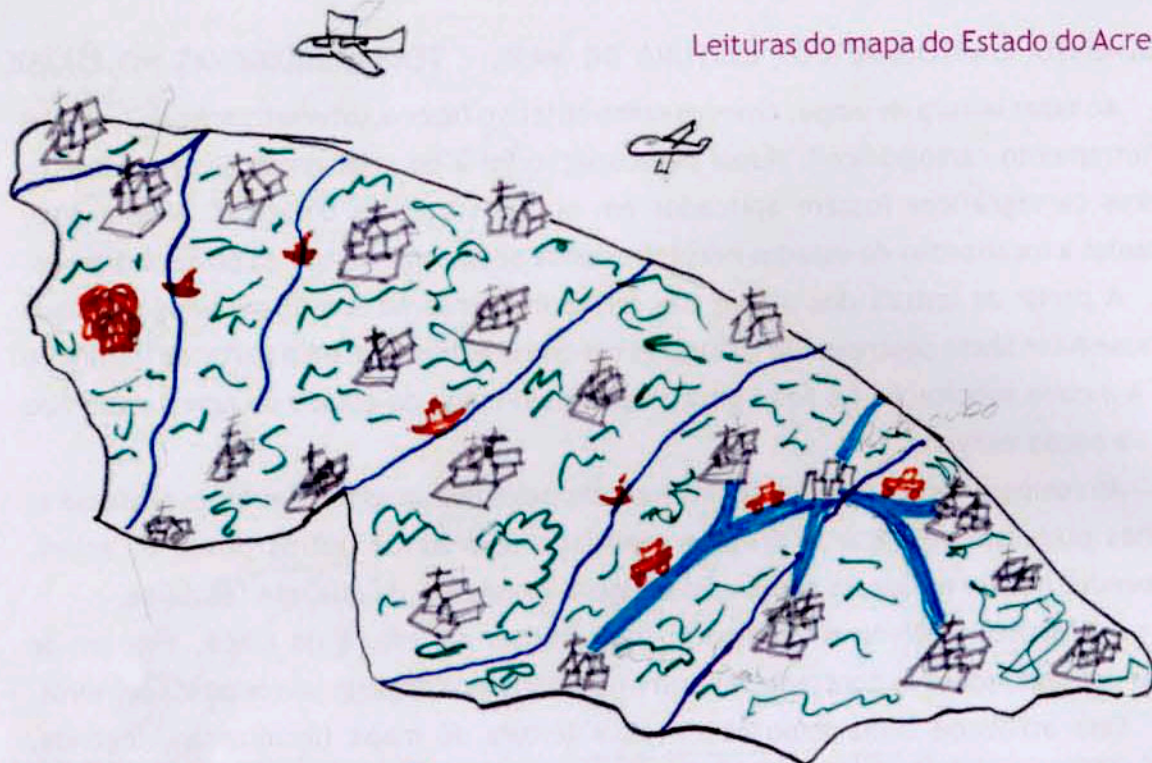
A proposta motivou o imaginário, pois depois da leitura do mapa, tiveram de elaborar um texto sobre as contradições entre os indígenas e os garimpeiros ou madeireiros.

Essa atividade tinha como objetivos: a leitura do mapa (localização, legenda, escala); comparação entre diferentes situações; elaboração de texto de análise, a partir de dados extraídos dos mapas e da vivência dos professores indígenas.

Dessa forma, entendemos que a atividade ampliou não só a visão didática como proporcionou uma discussão sobre a situação do povo indígena brasileiro.



Leituras do mapa do Estado do Acre.



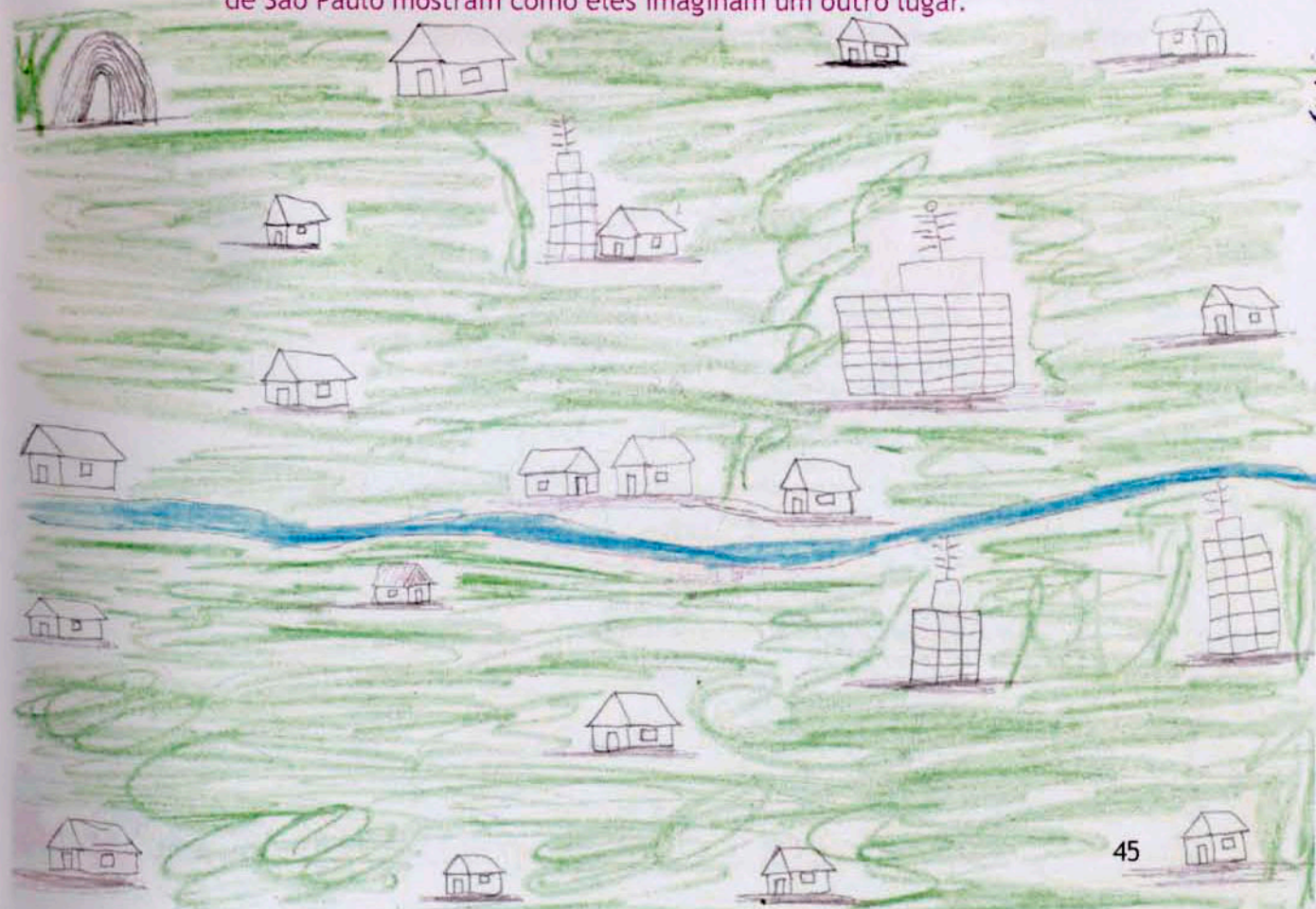
Depois de fazerem a leitura do mapa do Estado do Acre, solicitamos que o reelaborassem a partir da visão que eles foram tendo com as discussões em aula.



* Helicóptero



Essas representações feitas por professores indígenas do Estado de São Paulo mostram como eles imaginam um outro lugar.





Representações, de professores indígenas, sobre os conflitos em terras indígenas com madeiros e garimpeiros, a partir da leitura do mapa do Brasil.



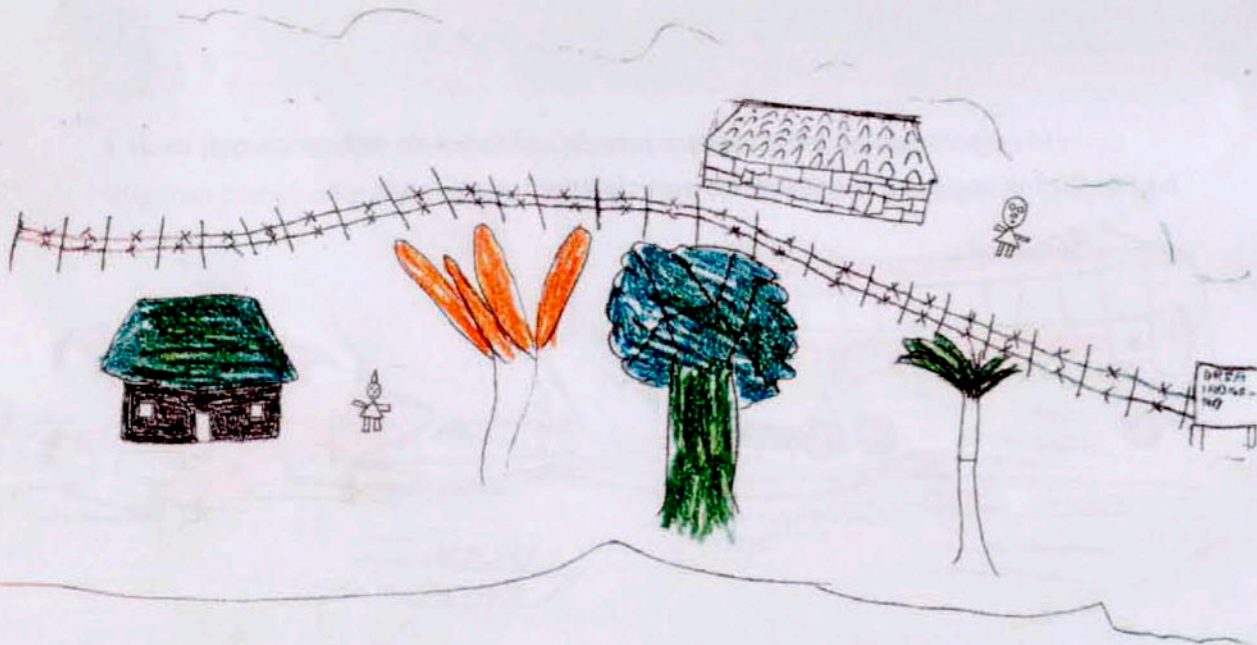
Há viagens que os índios fazem com dificuldades de ônibus, carros, avião e barco. Certas regiões e localidades e municípios porque é longe.



Representação cartográfica, em croqui, a partir da 'Leitura do mapa' das terras indígenas do Brasil, feita por um professor indígena de São Paulo.



- Yanomani
- Garimpeiros
- Floresta
- Ⓢ Cachoeira
- Área devastada



Texto e desenho elaborado pelo professor indígena José Roberto da Silva Santos:
"Os conflitos tem na área e mais com posseiros. Porque alguns posseiros moram próximos a reservas indígenas. Com a ampliação da área com certeza terá muita discussão com os advogados de ambas as partes. O poder judiciário."

Esse conjunto de atividades - 'para que serve o mapa' até a 'leitura de mapas' - teve como objetivo trabalhar com a linguagem cartográfica, visando o letramento em Geografia.

Lendo as paisagens dos lugares



Maria Fernandes

Com essa atividade, tivemos o objetivo de comparar as possíveis noções sobre a natureza que os indígenas têm. O estudo desse conceito na Geografia é porque auxilia no aprofundamento da análise dos lugares.

As representações e os textos dos professores indígenas mostram, a partir de diferentes olhares, valores que foram construídos ao longo da história de vida de cada um e/ou comunidade indígena e como a natureza é compreendida por eles.

Iniciamos essa proposta didática com um texto de outro povo indígena, os Ticuna. Esse povo, que vive no estado do Amazonas, tem uma forte relação com as florestas, valorizando o significado das espécies nativas. Leia o texto abaixo e perceba como esse povo descreve a natureza e as mudanças que ocorrem nela.

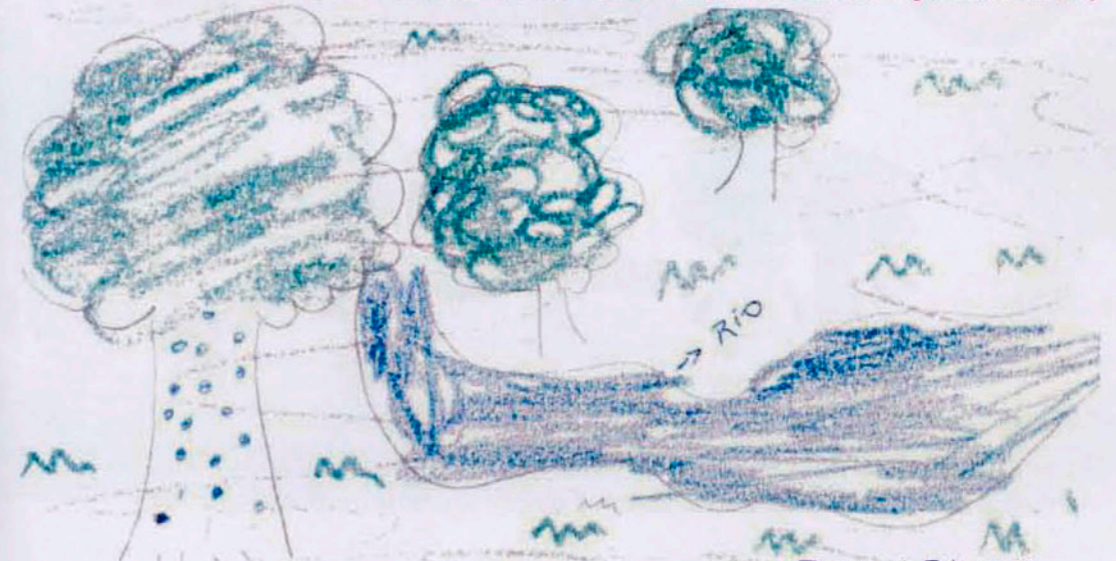
Ngewane, a árvore dos peixes.

Ngewane é uma árvore encantada que existe desde de o princípio do mundo. Ela é grande, assim como uma samaumeira, e tem leite, assim como o tururi e a sorva. Cresce em lugares distante, difíceis de se encontrar: nas cabeceiras dos iguarapés, nos igapós, e na beira dos lagos.

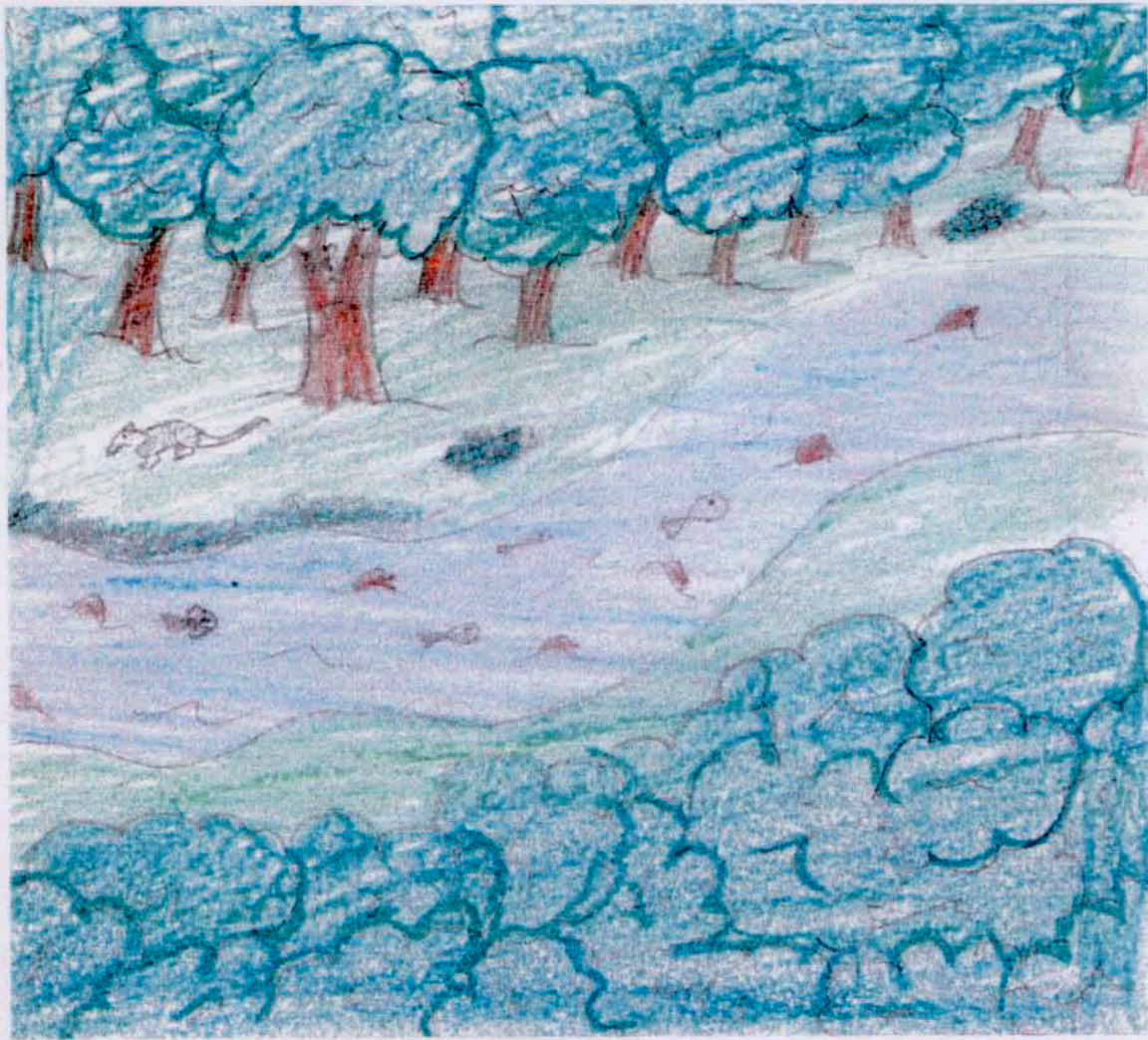
Quando chega o tempo, depois das chuvas e ventos, as folhas desta árvore caem e no seu tronco começam a aparecer pequenos ovos, parecidos com ovos de rã. Os ovos se transformam em lagartas, muitas lagartas, que sobem pelo tronco e andam até os galhos para comer as folhas novas.

Aí elas vão crescendo, crescendo durante uns dois ou três meses. De repente, as nuvens se juntam para chover, e começa a tempestade.

Os raios e os trovões fazem as lagartas descerem e entrarem nas raízes das árvores. (...) (fonte: Ticuna - o livro das árvores - São Paulo, Global, 1999, p.36 - projeto A natureza segundo os Ticuna)



Tucuruvi. Edson. M.



Estas representações foram feitas por vários professores indígenas Guarani, Tupi-guarani, Terena, Krenak e Kaingang e mostram a interpretação que fizeram do texto. O que mais chamou a atenção deles na análise do texto foi a queda das folhas e a transformação dos ovos em lagarta. Nessa atividade, desenvolvemos a interpretação de texto para iniciarmos o trabalho com a idéia que os indígenas têm sobre a natureza.



As folhas caem, aparecem pequenos ovos que se transformam em lagartas.

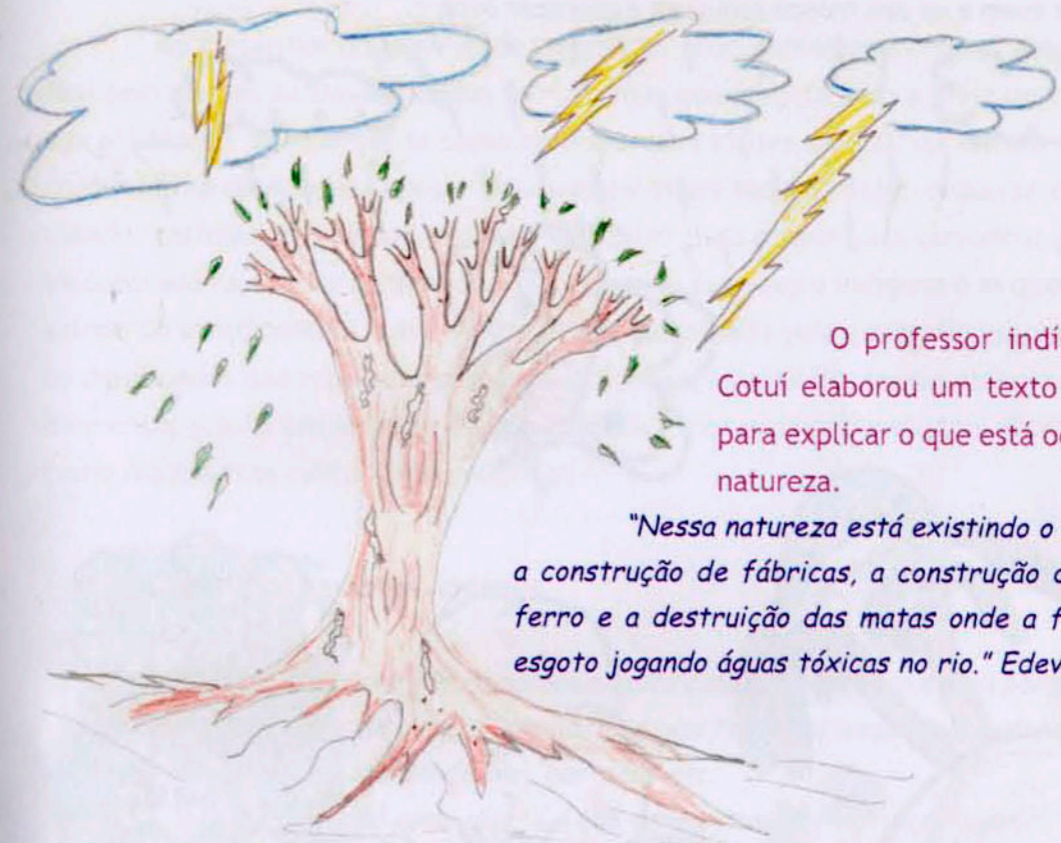
Depois da interpretação do texto dos Ticuna, foi solicitado que, por meio de desenhos e textos, os professores indígenas representassem o que era a natureza. Para eles, de maneira geral, a diversidade da fauna e flora, além dos rios e mares, são as características principais da natureza como podemos observar nos desenhos.





Nesses desenhos, as interpretações do texto reforçam a idéia dos ciclos que ocorrem na natureza:

"As folhas desta árvore caem e, no seu tronco, começam a aparecer pequenos ovos. Os ovos se transformam em lagartas. De repente, as nuvens se juntam para chover e começa a tempestade."



O professor indígena Edevaldo Cotuí elaborou um texto e um desenho para explicar o que está ocorrendo com a natureza.

"Nessa natureza está existindo o desmatamento, a construção de fábricas, a construção de estradas de ferro e a destruição das matas onde a fábrica tem um esgoto jogando águas tóxicas no rio." Edevaldo Cotuí

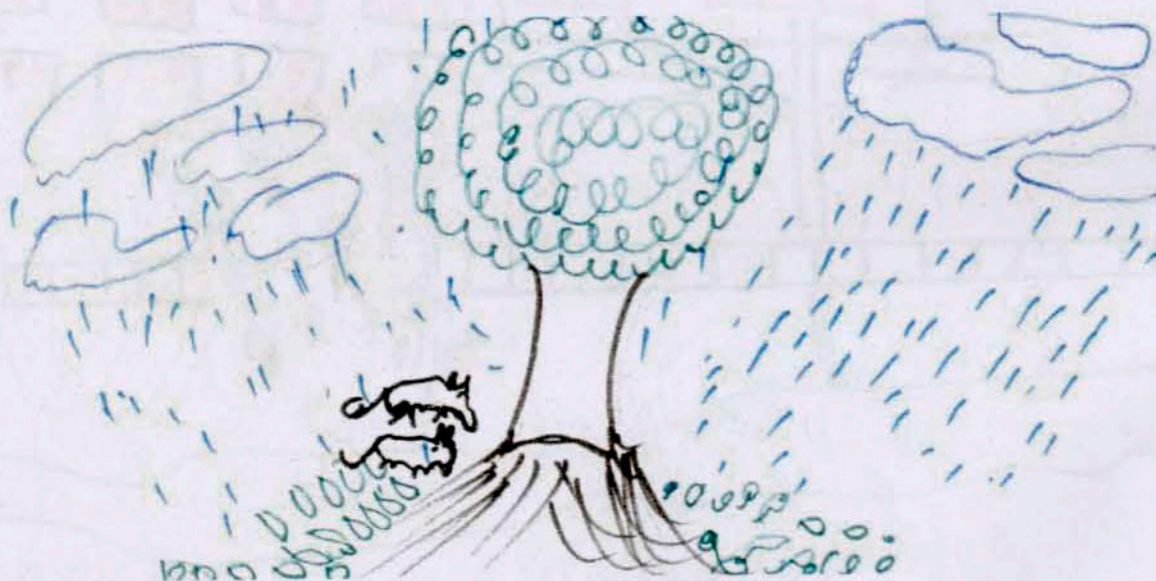


O crescimento urbano

Os ovos se transformam em lagartas. As nuvens que se juntam para chover. As folhas desta árvore caem e no seu tronco começam a aparecer ovos.



Natureza é tudo pra nós pois sem ela nós não podemos viver, porque ela representa muito, os animais, as águas, as plantas e o ar puro para nós podermos respirar melhor. E se um dia a natureza acabar os povos também vão deixar de viver.



Outros elementos que aparecem nos desenhos, o sol e a chuva, são símbolos marcantes nas representações dos indígenas.

Leitura de diferentes fotos da cidade

Ao tratarmos do significado da cidade, procuramos desenvolver atividades que não ficassem apenas na descrição das formas, mas que resgatassem a idéia de cotidiano, tanto nas atividades da vida diária como na visão das cidades a partir da leitura de fotos. Nesse conjunto de atividades, apesar dos lugares diferentes, visamos explorar os conceitos de cidade, cotidiano e tempo. Ao dar um caráter mais amplo para conceitos geográficos, foi incorporado na análise a dimensão da história da população indígena e as questões culturais, saindo do senso comum que é muitas vezes trabalhado pela geografia escolar. Sendo assim, os significados dados pelos professores indígenas, a partir dos textos elaborados, mostraram elementos que foram além da relação produtiva (por exemplo, indústria, fluxo financeiro...), como mostram os textos deste público:

Cotidiano em diferentes cidades

A vida cotidiana dos moradores dessa cidade é um pouco difícil por ser localizada na região bem distante da capital algumas pessoas tem seus empregos, outras trabalham com seu próprio negócio, montando bar, barracas etc.

Certamente só quem vive lá é que sabe como é a vida nesse lugar.

Marcelo Gabriel

Os moradores da cidade de Braúna vivem de agricultura e gado leiteiro. Alguns trabalham nas usinas vizinhas e os mais jovens na cidade de Birigüi, pois nesta cidade existem fábricas de calçados. Esta cidade é considerada a capital dos calçados.

Aldeia onde moro.

Nós da aldeia Icatu vivemos de pequena agricultura que são da própria comunidade e tem alguns que tem a sua roça particular. E os alunos estudam até a 4ª série na aldeia e da 5ª série em diante vai estudar na cidade de Brauna. E tem alguns que já estão fazendo faculdade na cidade de Penápolis. E tem também jovens fazendo computação.

Álvaro Francisco Iaiati

Cidade de Braúna

Os moradores de Braúna na maioria trabalham como lavradores. Os jovens trabalham na fábrica. Na cidade de Birigui têm pessoas que trabalham na prefeitura ou no plantio da cana.

Nós indígenas vivemos como pequenos agricultores, e a nossa subsistência é a venda dos produtos que colhemos da nossa agricultura. E os jovens estão saindo da aldeia para trabalhar como operários na cidade. E as mulheres fazem artesanato e vende para ajuda que precisa da casa.

Lícia Victor

Os homens da cidade trabalham na escola, prefeitura, banco, mercado e lugares de se divertir e no ginásio de esportes.

As mulheres da cidade trabalham na escola, prefeitura, banco, mercado e centro de saúde.

As crianças vão para a escola de manhã ou à tarde, e o resto do dia as crianças vai brincar na sua casa ou no parque da praça da cidade.

Vida dos indígenas.

Os indígenas da aldeia trabalham na fazenda ou na sua própria roça, e no final de semana eles vão jogar bola no campo.

As mulheres ficam mais em casa cuidando dos filhos, algumas trabalham na roça.

As crianças vão para a escola, e para brincar elas são livres.

Tereza Silvério Terena

A vida na cidade de Mongaguá é muito calma. Os adolescentes praticam surf. As crianças vivem estudando, brincam de amarelinha, pega-pega, empinam pipa.

Os trabalhadores da cidade, na maioria trabalham no comércio e alguns são autônomos, que trabalham por conta própria. O comércio depende muito do turismo quando chega o verão, mês de férias o movimento na cidade triplica de carro e pessoas. Os moradores da cidade têm lugar para pescar pesque e pague, ou no rio Mongaguá, plataforma de pesca que fica sobre o mar. O final de semana tem campeonato municipal, algumas vezes tem prova pedestrianismo, corrida de rua. Essa é a cidade de Mongaguá.

João Lira da Silva

A vida naquela cidade.

A vida na localidade onde fica a minha aldeia tem uma rotina diária comum, os homens trabalham nas fábricas e empresas, que existem por perto.

Normalmente, as crianças e adolescentes, procuram para o seu divertimento o Parque Estadual do Jaraguá (P.E.J.) por seu espaço verde, que proporciona a prática de esportes, como a caminhada, futebol, vôlei etc.

A aldeia por estar integrada à sociedade não-indígena busca o mesmo espaço para o seu lazer, procurando, também, utilizar o Clube S.S.R.G. que oferece uma ótima estrutura para atender a comunidade indígena e não-indígena.

O bairro mais parece uma cidade do interior; com uma vida traquilha.

Moacir Augusto Martim (Karay)

Obs. Aldeia Tekoá Yty - Guarani - Jaraguá S.P.

Cidade de São Paulo

A rua Libero Badaro, em 1924 a rua era pouco movimentada, o tempo foi passando, em 1927 a rua era mais conhecida, mais comércio e fios de alta tensão se cruzando por todos os lados.

Em 1931, milhares de pessoas na rua e eles foram construindo cada vez mais prédios e estabelecimentos e comércios. Em 1945, alguns prédios construídos eram cada vez mais altos e muitas portas de comércio.

Avenida Paulista

A Avenida Paulista que agora é um centro da cidade em 1902 tinha poucas casas e muito mais árvores, em 1980 tudo mudou prédios e firmas foram construídas e indústrias etc. isso formou o coração financeiro dessa cidade que agora é São Paulo e tem cerca de 10 milhões de habitantes quase um terço do estado.

Cidade alemã

1876 - Rua da Alemanha tinha cavalos, pessoas, pouco comércio.

Em 1926 a Rua da Alemanha já tinha bonde, automóveis, comércios grandes, prédios, luz elétrica, aumentou o número de pessoas na rua.

Comparando as ruas de São Paulo

Em 1924 a rua Libero Badaró não possuía instalação de luz elétrica, mas havia iluminação de luz a gás. O meio de transporte eram carros antigos, as pessoas circulavam livremente na rua sem se preocupar com o trânsito.

O céu limpo, sem poluição, havia poste de mastro, ao fundo, pé de coqueiro. Pessoas bem vestidas, homem com terno alinhado e chapéu.

Em 1927 essa mesma rua já passou por uma transformação, vimos na segunda foto fios elétricos externos. Maior trânsito de pessoas com movimentos tranquilos, bondinho, carroças de comércio e legumes, comércio nas lojas.

Continua homens com terno, gravata e chapéu, bem vestidos. As pinturas nos prédios estão mais visíveis, bem nítidas com a claridade da luz do dia.

O céu continua azul e limpo com pouca poluição.

Em 1931 observamos grandes mudanças, principalmente na poluição do ar que está visível. Também maior trânsito de pessoas, mais movimento de carros, mais prédios construídos.

Pessoas aparentemente estressadas, continuam bem vestidas, com ternos, gravatas e chapéu. As pessoas circulam apressadas na rua e na calçada.

Em 1945 prédios mais modernos e mais antigos, mais movimento de carros modernos, instalação do bondinho, luz elétrica com luminária trabalhada, as pessoas circulam na calçada, provavelmente há regras de trânsito, há um guarda na esquina orientando as pessoas, que continuam bem vestidas, alguns sem chapéu e outros com chapéu, e o ar cada vez mais poluído, e o sol parece tórrido.

Roberto, Márcia, Poty Porã, Giselda, Pedro.

A avenida Paulista em 1902 era composta por vários casarões, havia muitas árvores, provavelmente o chão era de paralelepípedo, pois nós observamos um único bondinho solitário.

Em 1980 já havia acontecido uma grande alteração, agora é uma avenida nervosa de tráfego intenso de pessoas e veículos de locomoção. Não se vê nem mais uma árvore e também existe um grande número de construções edificadas.

Giselda, Roberto, Márcia, Pedro, Poty.

Cidade alemã de 1976 e 1986

Em 1976 havia uma avenida, postes e pouco número de prédios.

Já em 1986 percebemos que houve uma grande alteração a avenida foi substituída por uma praça pública, postes de iluminação nas ruas e aumento do número de prédios.

O que é cidade?

Para compreender a cidade, é preciso verificar a sua dinâmica geográfica e a sua história, observar o deslocamento, os fluxos, as atividades econômicas e a maneira como a sociedade foi se aprimorando e modificando os ambientes naturais.

Nestas atividades, procuramos motivar as habilidades de observação e comparação, além disso, o desenho colabora para se ampliar o olhar para a maneira como ocorreu a ocupação e a transformação de um lugar pela sociedade.

Essas mudanças mostram a paisagem e os vestígios das diferentes sociedades que ainda podem existir de épocas passadas, como as igrejas e os monumentos.

Assim, ao fazer o desenho das cidades, colocando os elementos que são perceptíveis no cotidiano, amplia-se o conceito de organização do espaço, na medida em que se incorpora na análise a idéia de paisagem e de tempo.

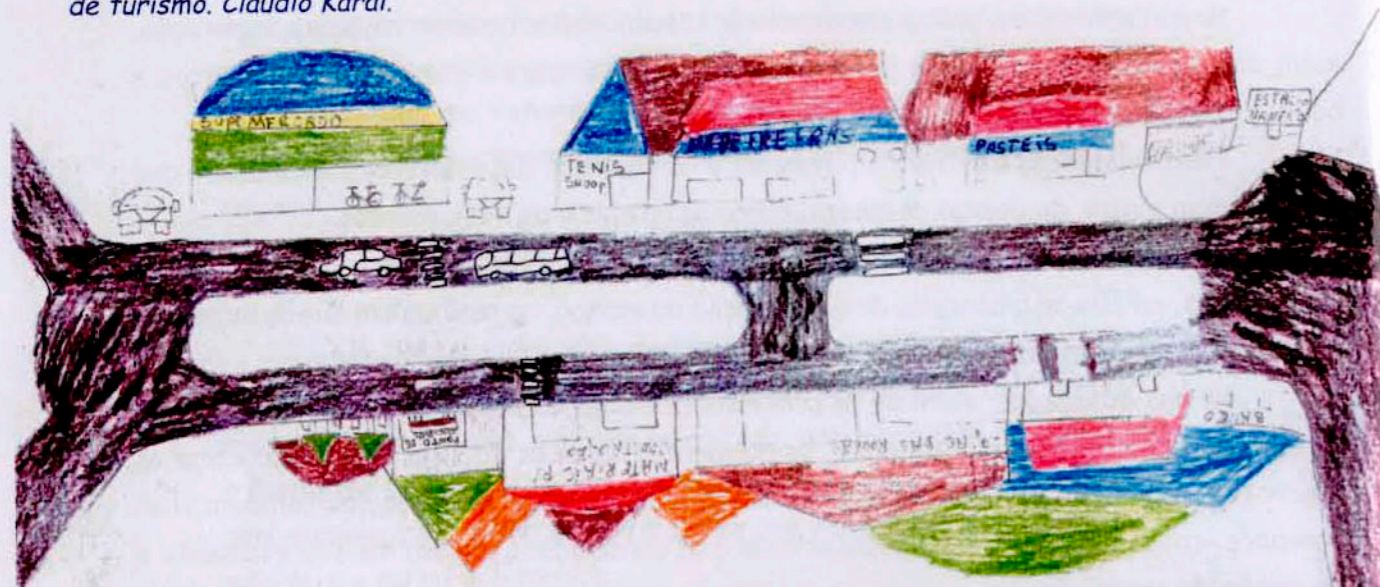
Nessas atividades, além de os professores indígenas terem aplicados os conceitos cartográficos, também puderam notar os elementos naturais do sítio geográfico como as nascentes, os morros, a vegetação e a hidrografia do local. Percebe-se também, nos desenhos, como a concentração populacional e as construções afetam mais diretamente a ocupação do território.

Tanto nos desenhos quanto nos textos, os professores indígenas mostraram essa compreensão. Isso significa que quando a atividade é significativa para o aluno, constrói-se conceitos e desenvolvemos conteúdos na perspectiva da compreensão e não da fixação deles.

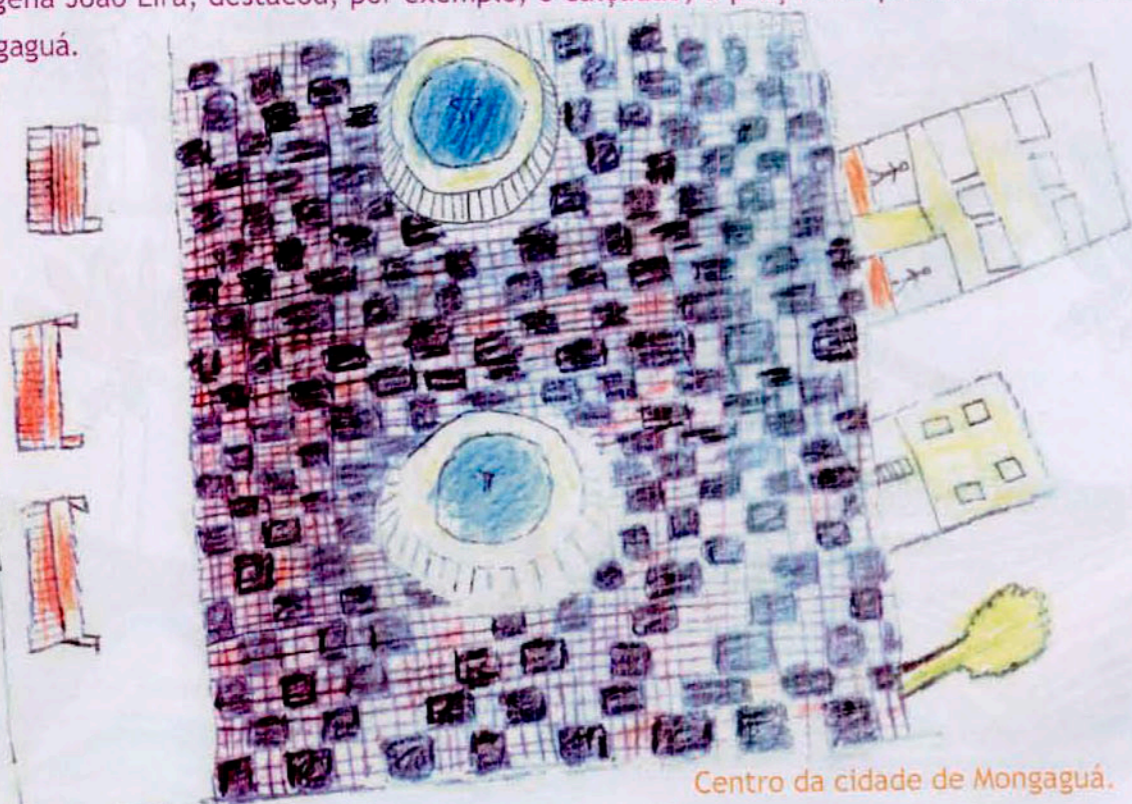


José Roberto da Silva Santos
Pesca

A cidade que eu conheço fica no litoral norte de São Paulo. Esta cidade não tem indústria, agricultura, agropecuária. A cidade oferece o ponto turístico porque mostra muitas praias belas, comércio, restaurante, cinema, cachoeira. Os comerciantes e pescadores vivem principalmente de turismo. Claudio Karáí.

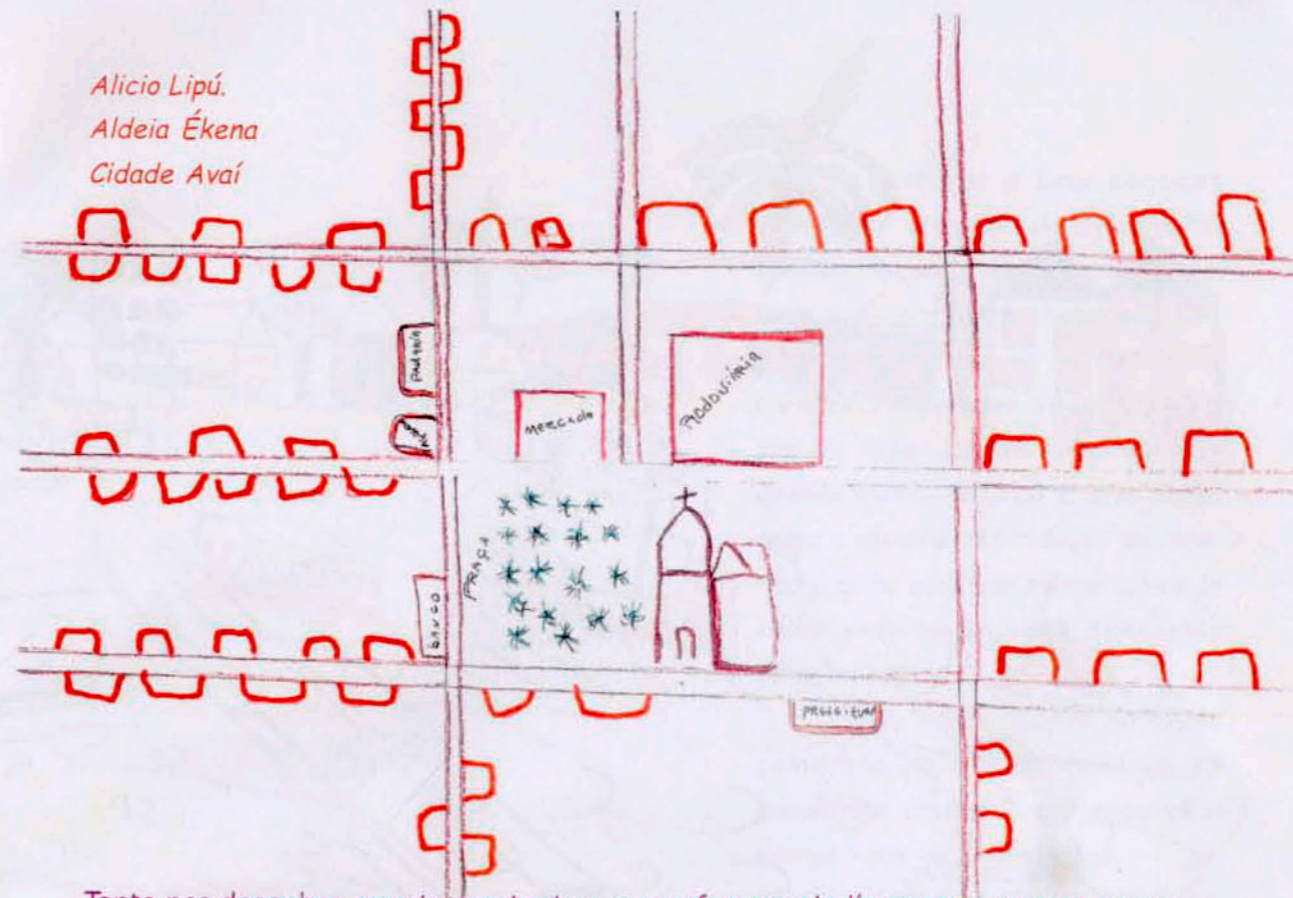


Ao fazer o desenho das cidades, colocando os elementos que são percebidos no cotidiano, os professores indígenas apresentaram a percepção que eles têm da cidade. O indígena João Lira, destacou, por exemplo, o calçadão, a praça e os prédios da cidade de Mongaguá.



Centro da cidade de Mongaguá.
João Lira.

Alicio Lipú.
Aldeia Ékena
Cidade Avaí



Tanto nos desenhos quanto nos textos, os professores indígenas mostraram o que chama mais atenção na visão deles. No desenho do professor Alício, há destaque para lugares importantes da cidade como supermercado, praça, igreja, prefeitura. Já no segundo desenho, salientam-se as estradas, os meios de transporte e as plantas.



A cidade de Bauru vive de agricultura, agropecuária, laranja, canavial, grande fazenda de café, mandiocal, e várias indústrias de comunicação, centro entre outros.

A cidade é muito boa de se viver e a cidade fica no oeste paulista.
Indústria Pirassununga



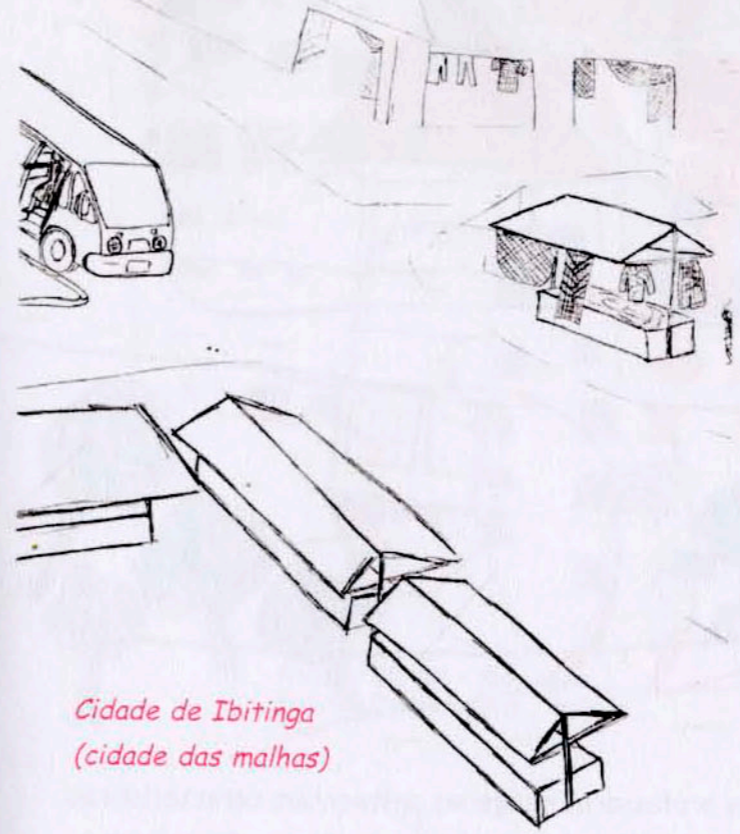
João da Silva
Cidade de Cananéia

Ao fazer o desenho das cidades, colocando os elementos que são percebidos no cotidiano, o professor João da Silva ressaltou as embarcações, as casas da cidade de Cananéia, enquanto que o professor Abílio da Silva Martins destacou as construções, casas, as ruas e o Banco do Brasil.



Abílio da Silva Martins.

Aldeia Peguaoty - Município Sete Barras S. P.
Cidade de Sete Barras S. P.
Banco do Brasil.



Cidade de Ibitinga
(cidade das malhas)

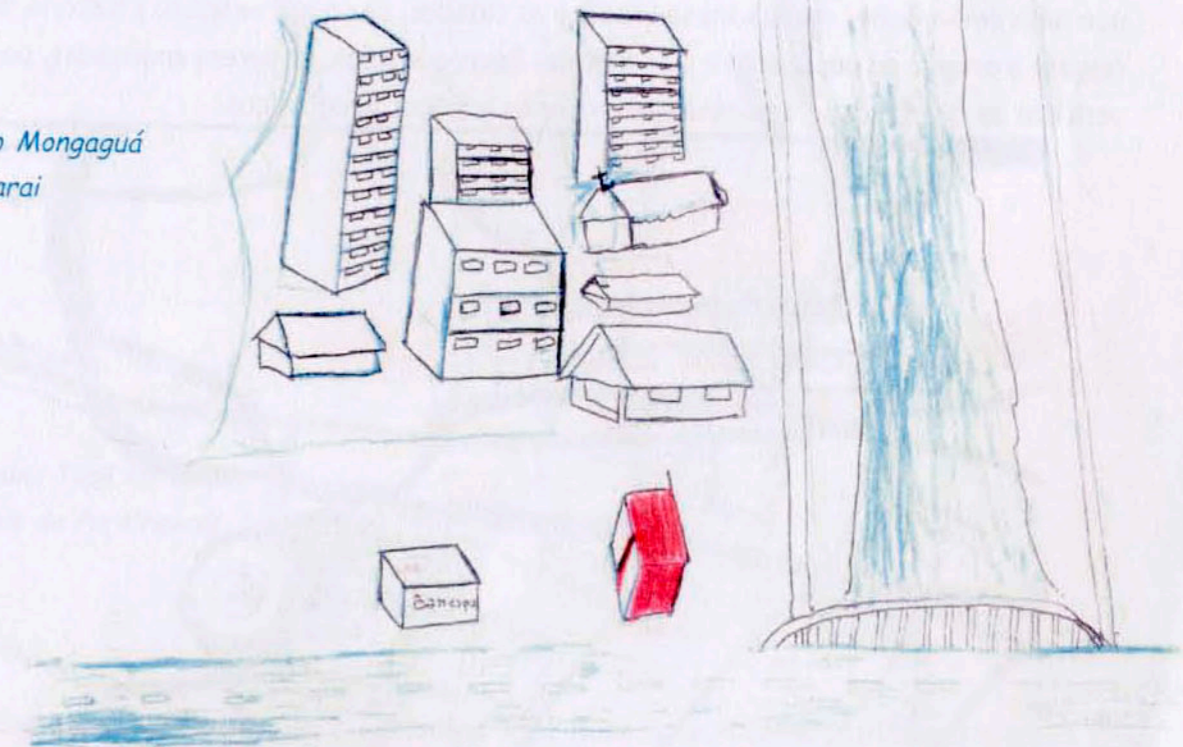
Ibitinga é uma pequena cidade no interior de São Paulo, famosa por suas malhas artesanais, bem próxima à Minas Gerais, que recebe diariamente milhares de turistas que chegam em caravanas a fim de fazer muitas compras. Mas apesar disso, Ibitinga é bem calma como a maioria das cidades do interior e como qual tem muitos sítios ao redor onde há pequenas plantações de hortaliças.

No centro, onde se faz o comércio da malha, também se encontram frutas, doces caseiros e outros tipos de artesanatos.

Joel Augusto Martim. Karaí

Mirim

Município Mongaguá
Basílio Karai

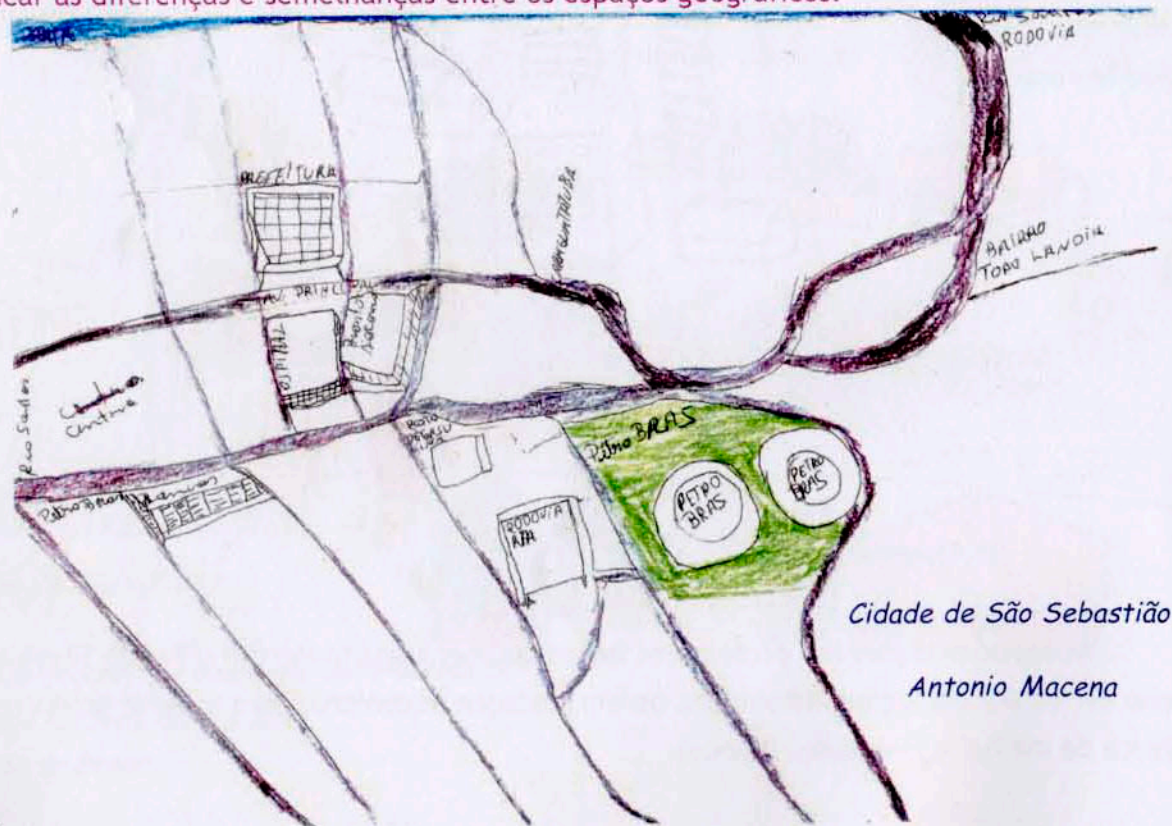


As representações dos professores indígenas Joel Augusto Martim e Basílio Silveira, apesar de retratarem lugares diferentes, deram destaque às construções e ao setor produtivo (fábrica de malha) e financeiro (banco).

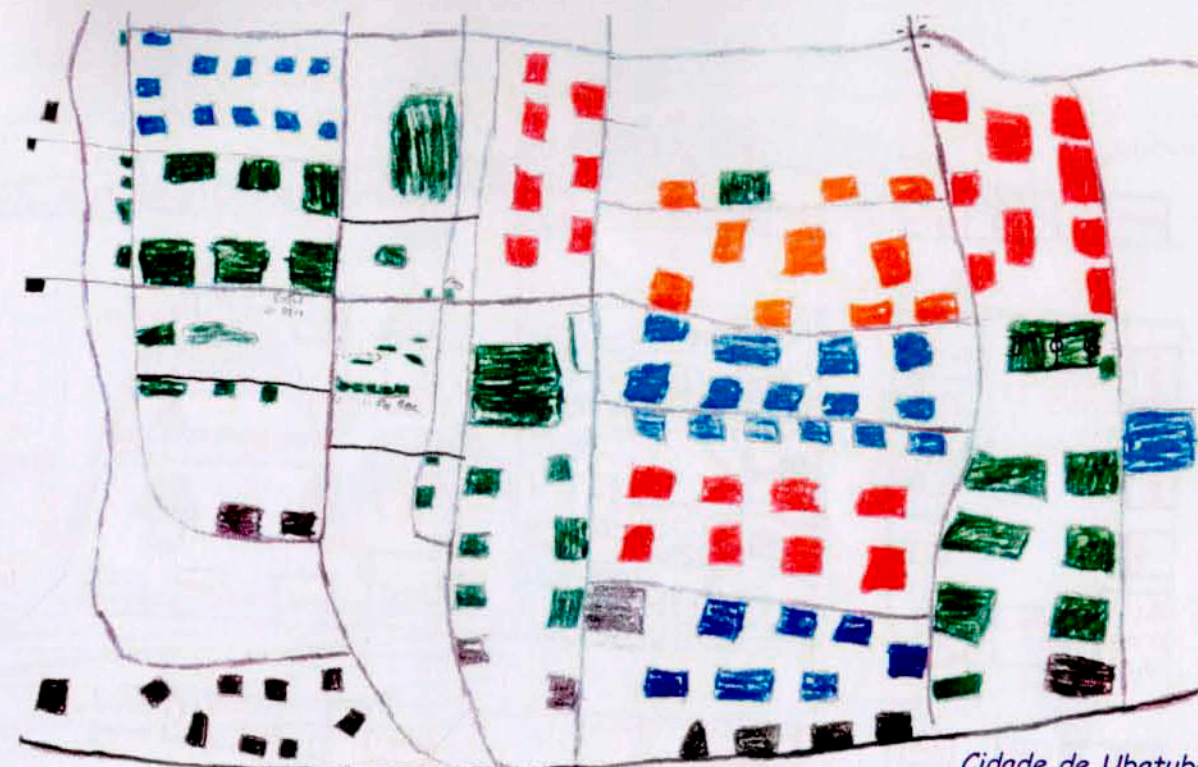
Sete Barras S.P.
Odair Euzébio



Ao fazer o desenho das cidades, os professores indígenas destacaram características comuns em relação à organização do espaço e à situação econômica da cidade. É importante que nas comparações realizadas se localize as cidades, se converse sobre a história do lugar, resgate a origem da população e a economia. Essas questões, ao serem analisadas, permitem verificar as diferenças e semelhanças entre os espaços geográficos.

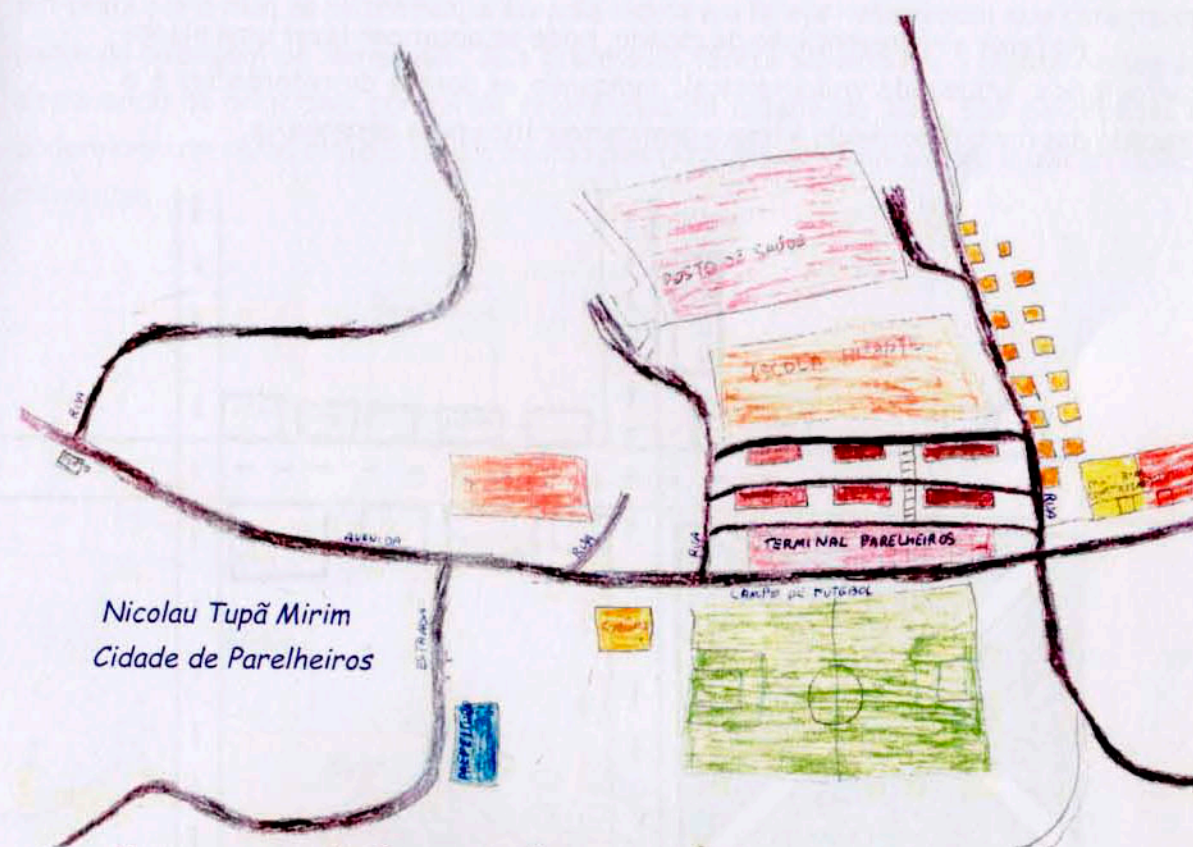


Cidade de São Sebastião
Antonio Macena



Rodovia BR-101 - Rio-Santos
Rodovia Oswaldo Cruz - Taubaté

Cidade de Ubatuba
José Roberto

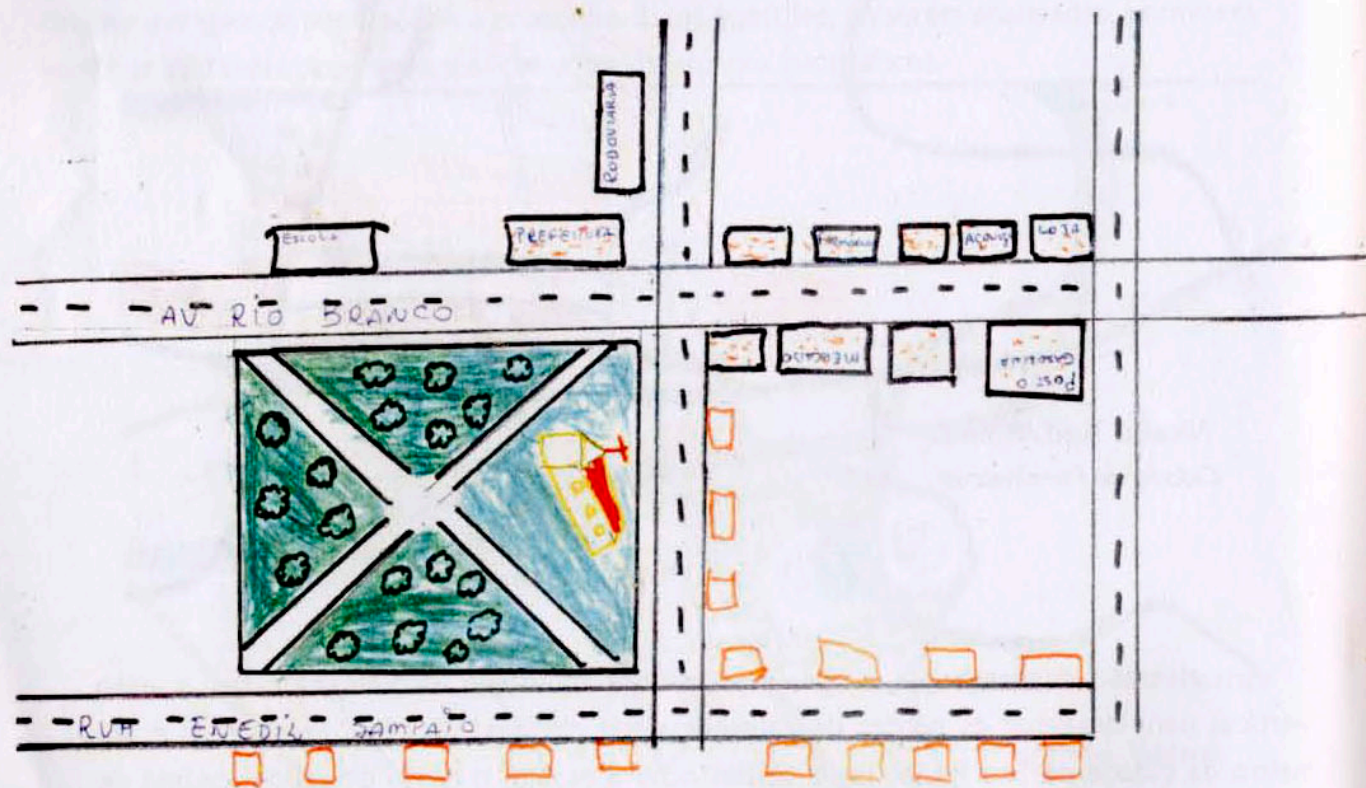


Nicolau Tupã Mirim
Cidade de Parelheiros

Nessas representações, os professores José Roberto e Nicolau utilizaram a visão vertical para desenhar os pontos de referência das cidades. No caso, Parelheiros é um bairro da cidade de São Paulo, onde se destacou a escola, o posto de saúde, campo de futebol e o terminal que tem relação direta com o cotidiano.

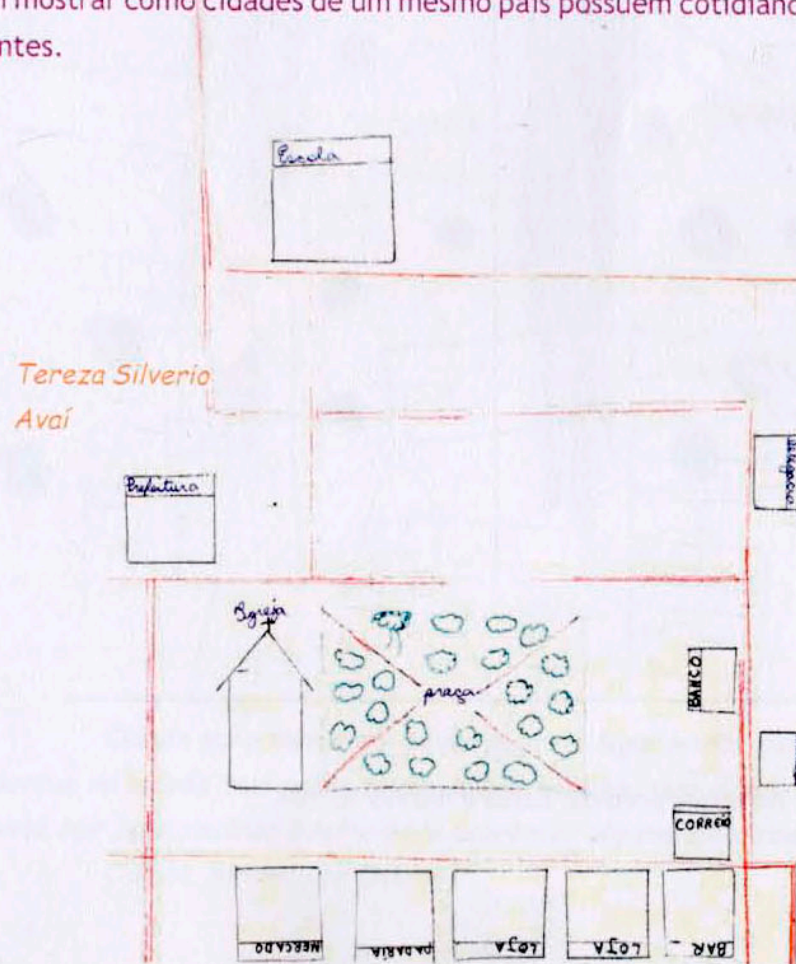


Ao fazer a representação da cidade, pode-se optar por fazer uma planta cartográfica, utilizando visão vertical, indicando os pontos de referências e o traçado das ruas, recorrendo à linguagem cartográfica para desenhá-la.



Sérgio M. da Silva
Cidade de Mongaguá.

A representação da cidade feita pelo professor indígena Sérgio M. da Silva coloca em destaque o mar, as palmeiras, a área da aldeia e a igreja - elementos que caracterizam parte da paisagem de Mongaguá. Já a professora Tereza Silverio fez a planta cartográfica destacando os principais pontos de referências da cidade de Avaí. São percepções que podem mostrar como cidades de um mesmo país possuem cotidianos e organização espaciais diferentes.

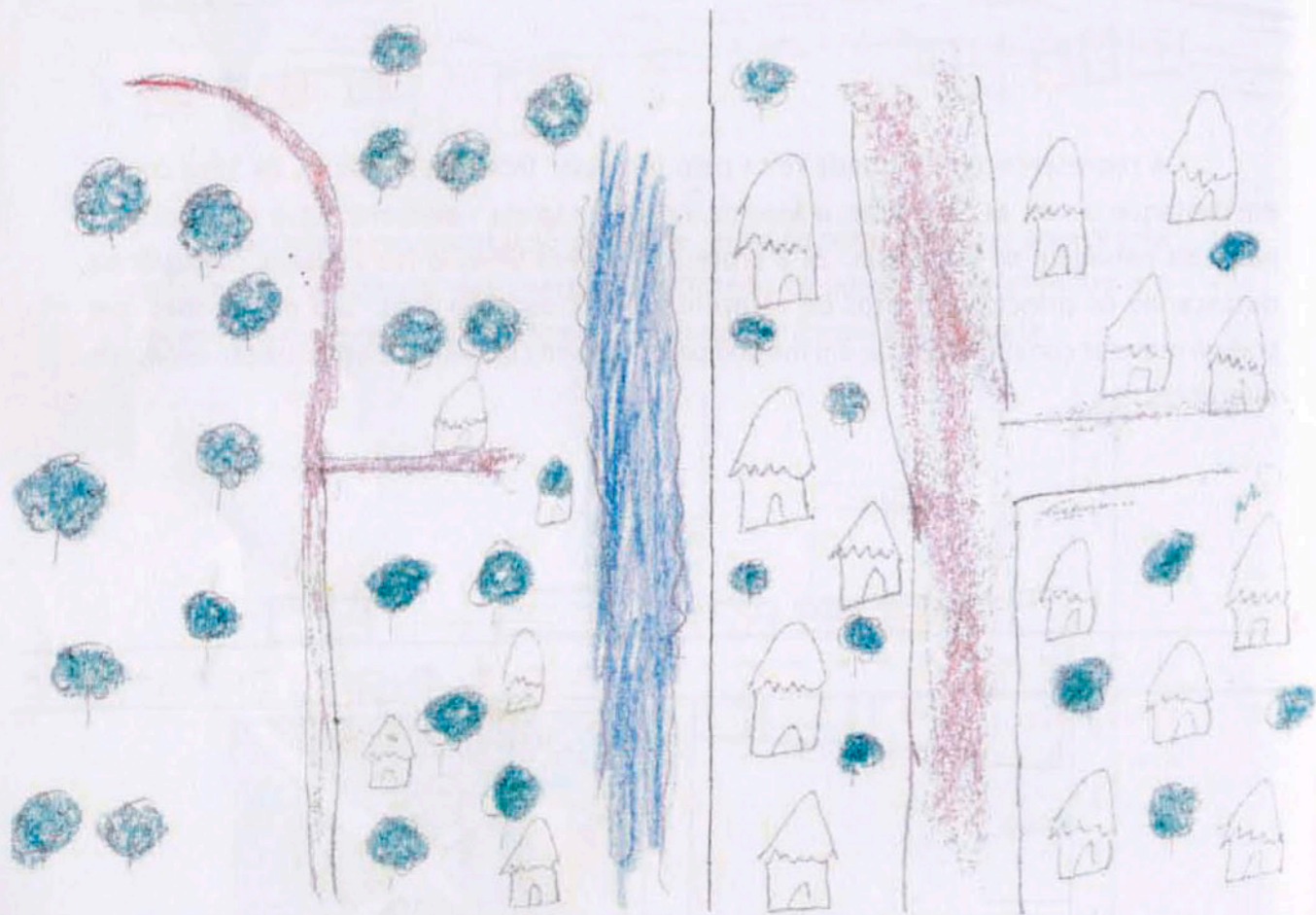


Tereza Silverio
Avaí

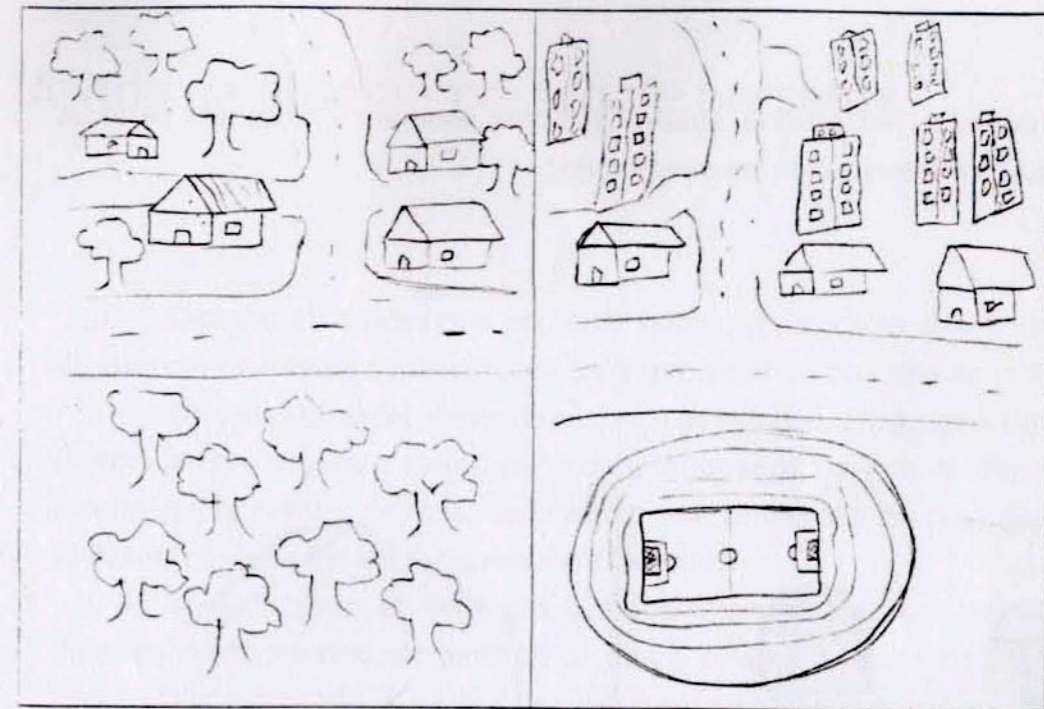
Cidade: passado e presente

Nesse conjunto de atividades, tivemos como objetivo explorar a noção de tempo (passado e presente), analisar as mudanças que ocorrem nas aldeias e em seu entorno em função da ação humana.

Para tanto, foi proposto que os professores indígenas desenhassem a cidade em que moravam e, em seguida, escrevessem o que era a cidade para eles.



Cidade para mim é onde há vários prédios, casas e muitos carros.
Edson Macena



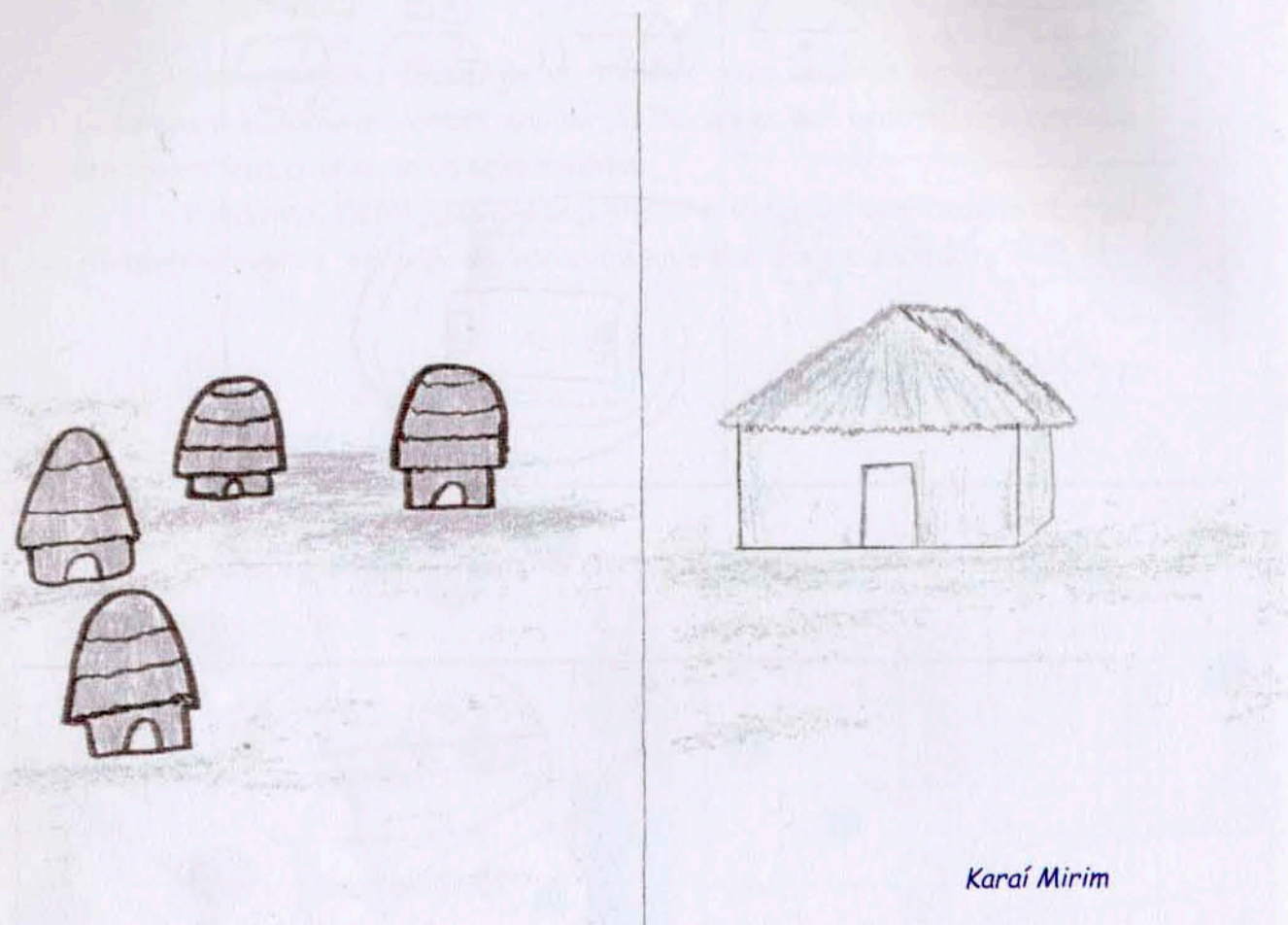
Desenhos representando as cidades em momentos diferentes.



Cidade para mim é um pouco legal. É legal menos quando é noite e já é perigoso, porque na cidade tem muito crime, muito barulho, tem que ficar preso em casa, porque se você sair para passear à noite pode acontecer alguma coisa com você.

Claudio Samuel dos Santos

Agora desenhe, nos quadros abaixo, a cidade onde você mora, em períodos diferentes (passado e presente) de um mesmo lugar.



Escreva o que é cidade para você.

Cidade é um lugar cheio de ruas, avenidas, casas, prédios, carros, comércios, indústrias etc... e muitas pessoas.



A vida na aldeia - passado e presente

Explorar atividades com noção de tempo, tendo como referência o lugar de vivência (a aldeia), contribui para a compreensão do conceito de cidade.

Em cada atividade, apesar da mudança de enfoque, a linguagem cartográfica sempre esteve presente como, por exemplo, quando fizeram os desenhos das aldeias em diferentes tempos; das cidades que conheciam ou não. Nesse caso, utilizaram a visão vertical e organizaram legendas.

Ao se analisar as mudanças que ocorreram na função e nas atividades desenvolvidas neste local, percebe-se que a cidade vai além do crescimento populacional e econômico, na medida em que as formas que nela existem expressam o seu conteúdo social e cultural.

Ao estabelecermos a relação com o cotidiano, procuramos explorar os movimentos, os fluxos que se articulam e a expansão da territorialidade, evocando um conjunto de funções sociais.

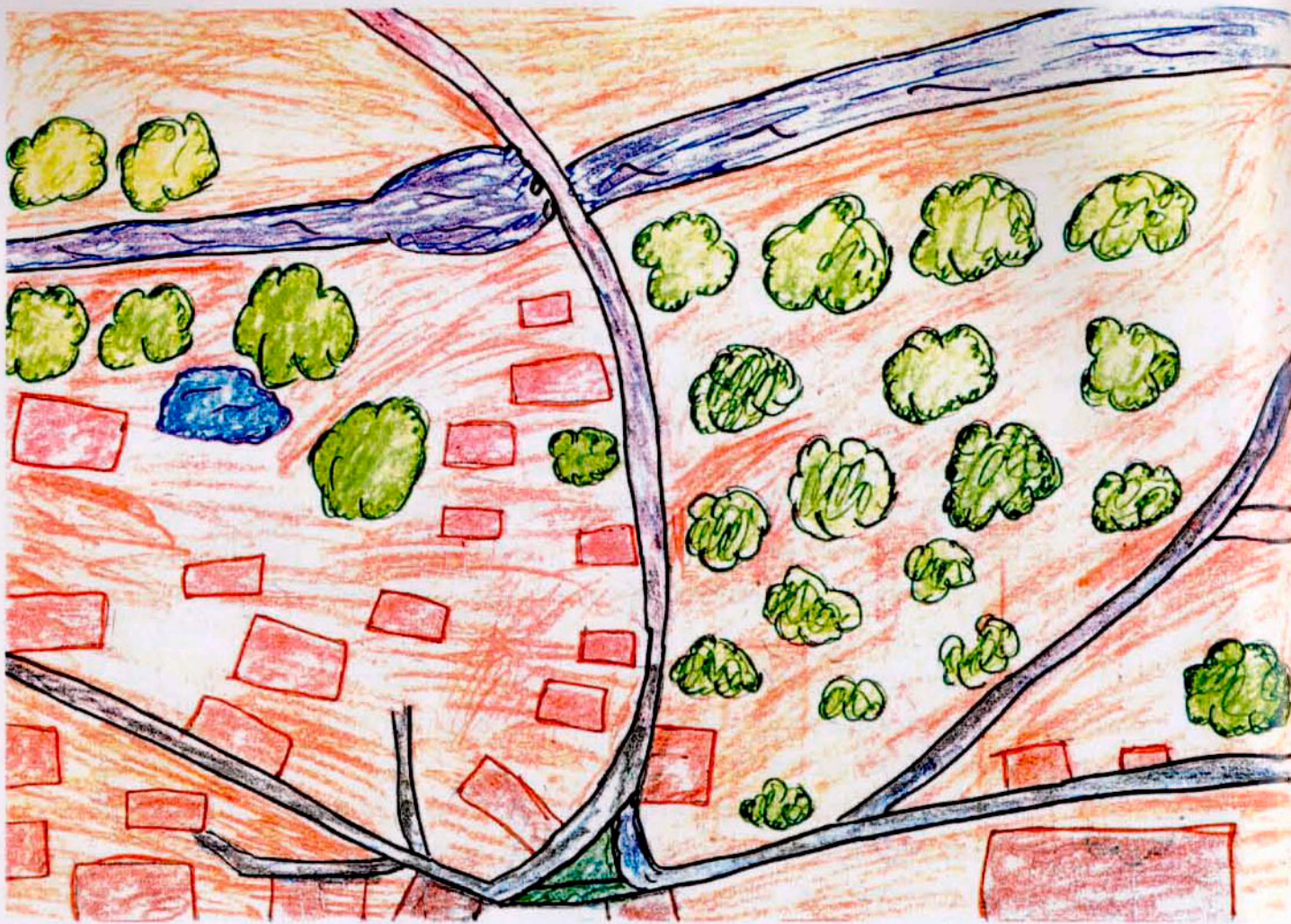
Com essa seqüência de atividade, quisemos que o professor indígena aprendesse a natureza da relação cidade-urbanização, compreendendo a dinâmica espaço-temporal existente no processo de urbanização.

Uma outra abordagem que destacamos é que nessa análise pode-se notar a redefinição dos espaços urbanos que podem ser articulados pelos sistemas de transportes, comunicação, comércio e estruturas políticas locais, encadeando as várias atividades que podem ocorrer nesses lugares.

Por isso, entendemos que nesse conjunto de atividades há interação entre elas, para que o professor indígena possa ter uma visão mais ampla do que é cidade, urbanização e cotidiano, conceitos que se destacam no estudo geográfico.

Um outro aspecto que queremos destacar é que todo professor é professor de leitura e escrita; nesse caso a escrita foi trabalhada quando, com a elaboração de textos, foi contada como era a cidade ou aldeia.

Em todas as atividades, nosso objetivo foi o de desvendar o conhecimento geográfico, utilizando a linguagem cartográfica a partir da vivência dos professores indígenas.



Márcia Augusto Martim de Campos. Yvapotyyo.
Trajeto - na aldeia.

-  ÁRVORES
-  CASAS
-  LAGO
-  GALERIA
-  ESTRADA
-  RIO

Nas representações, a professora indígena Márcia utilizou-se da visão vertical para fazer um mapa mental da aldeia e organizou a legenda relacionando cada símbolo com o respectivo nome. No desenho ao lado, ela se utilizou da visão frontal para representar as casas e árvores e a visão vertical para os demais elementos.



Márcia Augusto Martim de Campos. Yvapotyyo.
Trajeto - na aldeia.

A aldeia Jaraguá antes era um pequeno espaço que foi cedido pela Sociedade Geográfica Brasileira para uma família indígena, onde pudesse morar e criar seus filhos. Havia um tanque de pedra que se chamava Tanque de Ouro por que no tempo da escravidão se lavava ouro nesse tanque. Esse lugar era uma grande fazenda de café. Com a ação ela foi soterrada. Faz pouco tempo que ela foi declarada uma Aldeia Indígena, hoje tem mais famílias morando lá, todas descendentes do Capitão indígena Joaquim A Martim. "Kuará'y".

Escreva uma história sobre o lugar onde vive.

Logo que chegamos na aldeia.

Em julho de 2000 nós fizemos a retomada da aldeia piaçaguera, vieram vários parentes de outras aldeias para nos ajudar, depois que estava tudo certo eles retornaram para suas aldeias.

Nós fizemos nossas casinhas provisórias e cobrimos com plástico, mas aonde nossas casas eram feitas... perto da praia e um certo dia começou a ventar muito, e os plásticos que cobriam as nossas casas abriram tudo, e logo começou a chover e os homens foram arrumar e logo depois começamos a rir. E sempre que lembramos desse fato é um momento de diversão.

Agora está tudo bem, cada um tem sua casa.

Fabiola dos Santos Cirino

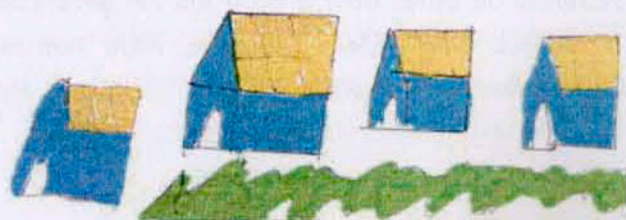
Vamos resgatar a história do seu lugar de vivência. Faça um desenho para representar a sua aldeia. Faça um texto sobre ela.

O mais importante na minha aldeia é as matas, e as cachoeiras e os rios. E peixes e caças.

Na minha aldeia tem matas, rios e cachoeiras e peixe e caça. Tem 18 famílias e tem 25 alqueires.

E falta demarcar a área.

Davi - Guarujá

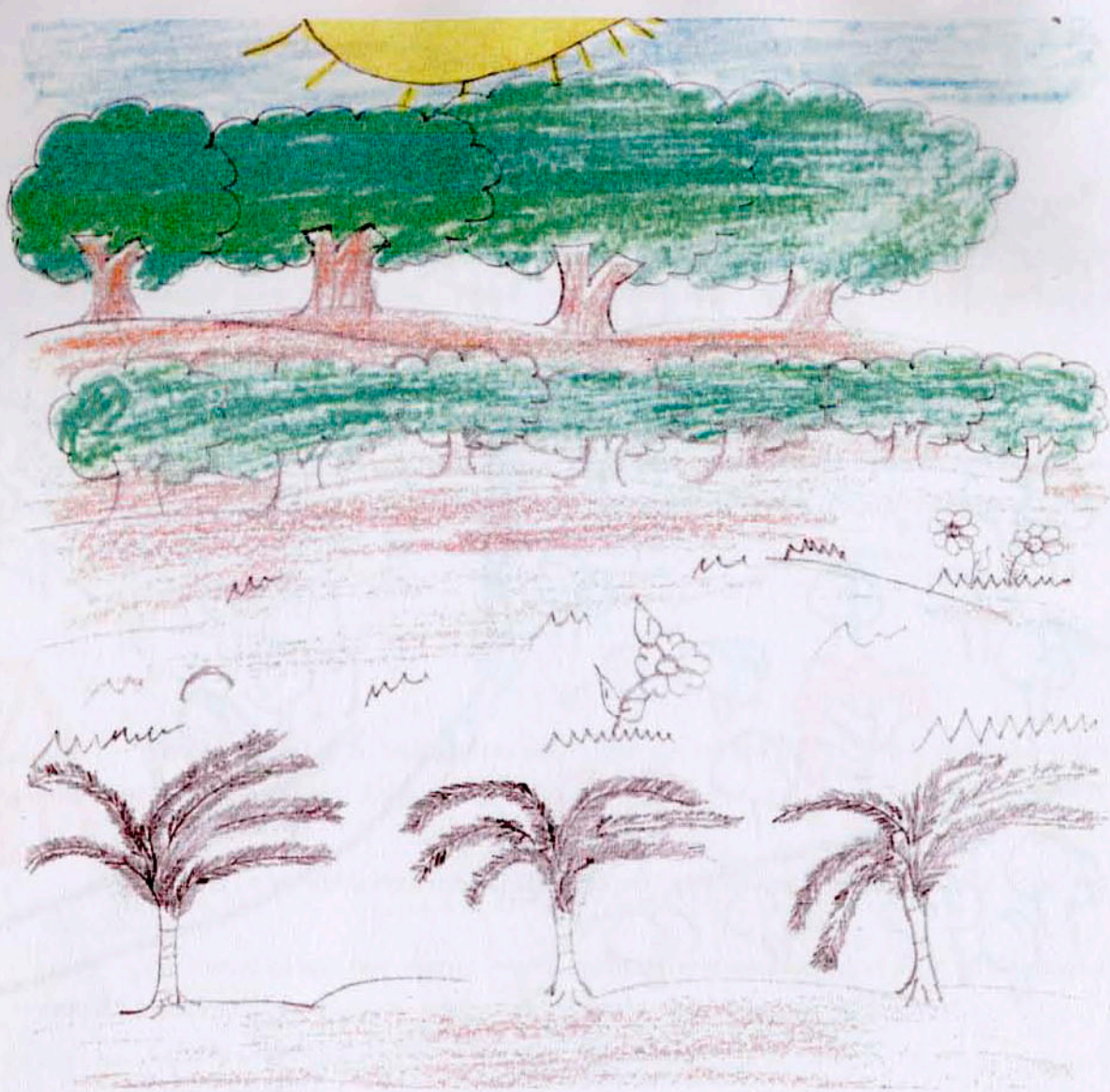


Vamos resgatar a história do seu lugar de vivência. Faça um desenho para representar a sua aldeia. Faça um texto sobre ela.

Na minha aldeia tem muitos morros, a terra é vermelha, muito boa para o plantio. Tudo o que planta dá. Temos plantado feijão, arroz, cana, banana, mandioca, batata-doce, limão e alguns pés de verdura.

E tem um rio que passa bem longe de onde a gente mora, que é o rio Aguapé. Lá temos o material que precisamos para fazer os nossos artesanatos. E tem muitas árvores (somos em 15 famílias tupi-guarani e mais ou menos 18 famílias guarani) usamos o rádio de pilha e poucas pessoas tem televisão a bateria.

Sara Silva Rosário



Cada povo indígena e não-indígena tem uma maneira de organizar o espaço em que vive.

Adriana Macena

Escreva uma história sobre o lugar onde vive.

Eu morava na Aldeia de Itariri: um lugar muito distante. Vivi nesta aldeia somente dois anos, não suportei a distância e saí de lá, vim morar na aldeia de Piaçaguera. Quando cheguei neste lugar eu gostei muito, eu vi as casinhas de sapé. E assim que cheguei logo levantei também uma casinha. Na época não tinha escola mas o tempo foi se passando e hoje temos a escola e as crianças já estão estudando e isso é importante.

História do Piaçaguera.

Escreva uma história sobre o lugar onde vive.

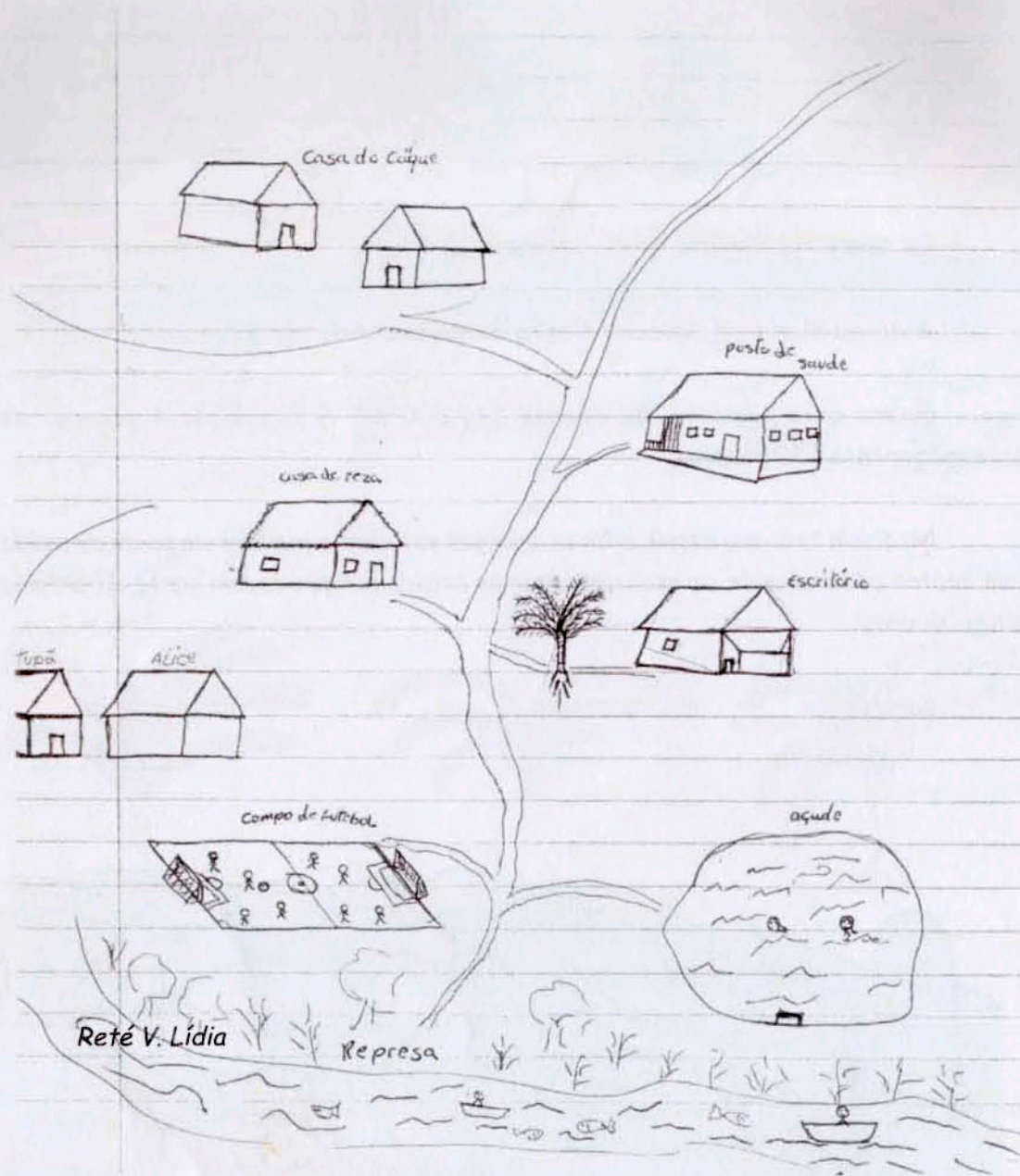
A Aldeia Morro da Saudade fica no extremo Sul da capital paulista.

É uma área pequena, de apenas 240.000 m². A população é grande, de aproximadamente 650 pessoas.

Na aldeia tem uma escola onde as crianças estudam e também um posto de saúde e um centro cultural onde se realizam algumas atividades que fazem parte da própria cultura Guarani.

Karai Mirim





A minha aldeia é um lugar suficiente para nós.

Crianças vivem brincando, jogando, estudando, pescando na represa, nadando no açude etc...

Eles fazem também apresentações para turistas.

Na parte da tarde eles se preparam para ir a casa de reza.

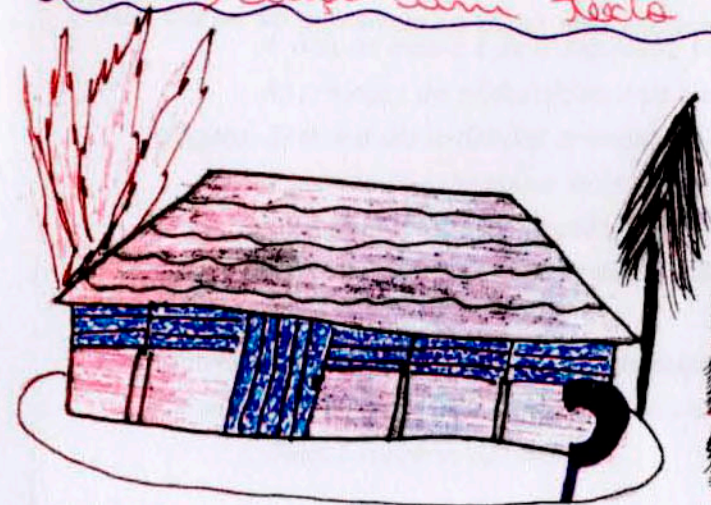
Na aldeia Krukutu por enquanto não tem escola. Mas eles estudam na aldeia Marro da Saudade.

Enquanto as crianças estudam os pais fazem artesanatos para a sobrevivência deles.

Nome: Giulda Lires de Lima Polo 03 07-09-02 Esperança Travessia

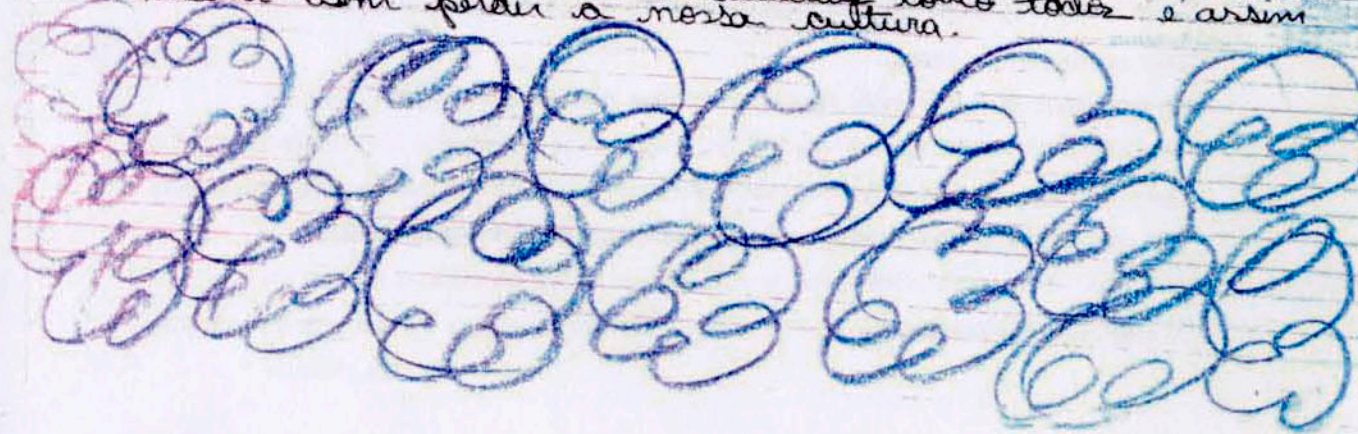
- Vamos resgatar a história do seu lugar de vivência:

- Faça um desenho para representar sua aldeia, faça um texto sobre ela:



ESCOLA INDIGENA
ESTADUAL GW'YRA
Pe. Pô:

Eu desenhei a escola da minha aldeia por que ela não existia quando eu era criança. Lito aos 10 anos de idade eu não sabia pronunciar o meu nome em português. Atualmente há essa escola, que contém + ou - 150 alunos de 1º a 9º série, os professores guarani e as crianças que lá estão usam ter mais facilidade de sair em busca de benefícios de seu povo. Para mim a escola é o centro da minha aldeia, lá as crianças aprenderam a ser cidadãos como todos e assim viver melhor sem perder a nossa cultura.



Escreva uma história sobre o lugar onde vive.

A comunidade indígena dessa aldeia vive o dia-a-dia da população.

A subsistência são a venda de artesanato e palmito.

A aldeia tem também sua própria roça, como plantio de mandioca, milho, banana, batata-doce, cana-de-açúcar.

Na verdade na comunidade indígena no trabalho os homens vão para pesca, caça, roça e coleta de matérias-primas. E as mulheres cuidam das casas, fazem limpeza, artesanato, preparam a comida para a família almoçar.

A aldeia é um espaço que as comunidades tem todos os momentos de serem mais felizes.

José Roberto da Silva Santos

O dia-a-dia das famílias na aldeia é diferente dos não-indígenas.

A principal atividade das famílias é a construção de artesanatos, como uma fonte de sobrevivência da comunidade.

Como a aldeia tem escola, centro de cultura, posto de saúde, alguns trabalham nesse setor, com pouco recurso financeiro.

Marcelo Gabriel

Minha aldeia é Paraíso.

Município de Iguape.

Na minha aldeia é muito bonito.

Temos plantação de banana.

Temos também pé de jaca.

Também tem plantação de palmitos.

Tem muito mato e casas.

E a cachoeira é muito linda. Nessa cachoeira tem muitos peixes.

Também tem pés de goiaba.

Tem um campinho de futebol onde as crianças e jovens jogam bola.

Josias Honório Cardoso

A vida na Aldeia

Na aldeia nós vivemos em comunidade. Tudo o que vamos fazer tem que ser comunitário.

Nós sobrevivemos da venda de artesanato e da plantação. Os homens e as mulheres trabalham na roça e tem os serviços divididos cada um tem a sua tarefa.

As crianças brincam pelo pátio da aldeia e toda tarde nos reunimos para agradecer o nhanderu.

A vida na aldeia é de dificuldade para as crianças.

As crianças de minha aldeia tem que andar 40 minutos para chegar até a escola não-indígena. Isso é o dia-a-dia das crianças da minha comunidade.

O homem já é um pouco mais diferente.

Ao acordar tomamos o café, depois cada um na sua luta. Tirando o palmito para comprar o pão do dia-a-dia. Já as mulheres ficam em casa fazendo cestos, aliás, trabalho tradicional, para vender na feira.

Quando não é esse tipo de trabalho é trabalho comunitário para melhoramento da comunidade indígena, fazendo roça para plantar arroz, feijão, milho etc.

Josias Honório Cardoso

Na aldeia as pessoas trabalham livremente, vão para o mato, trazem material para fazer artesanato. As crianças vivem livres, sem medo de brincar por causa de carros, podem correr, pular à vontade. E os indígenas saem para vender seu artesanato nas feiras e trazem alimentos para casa. Alguns plantam. Tem a escola que as crianças vão e gostam muito pois elas tem aula ao ar livre, saem para passear nas praias e na mata.

Eu vivo em lugar muito próximo da grande metrópole. A minha aldeia Guarani Te no de porá está localizada no Bairro da Barragem distrito de Parelheiros extremo Sul da capital paulista.

Eu vivo em uma comunidade de 500 ou 600 pessoas mais ou menos: eu sou uma parte dela.

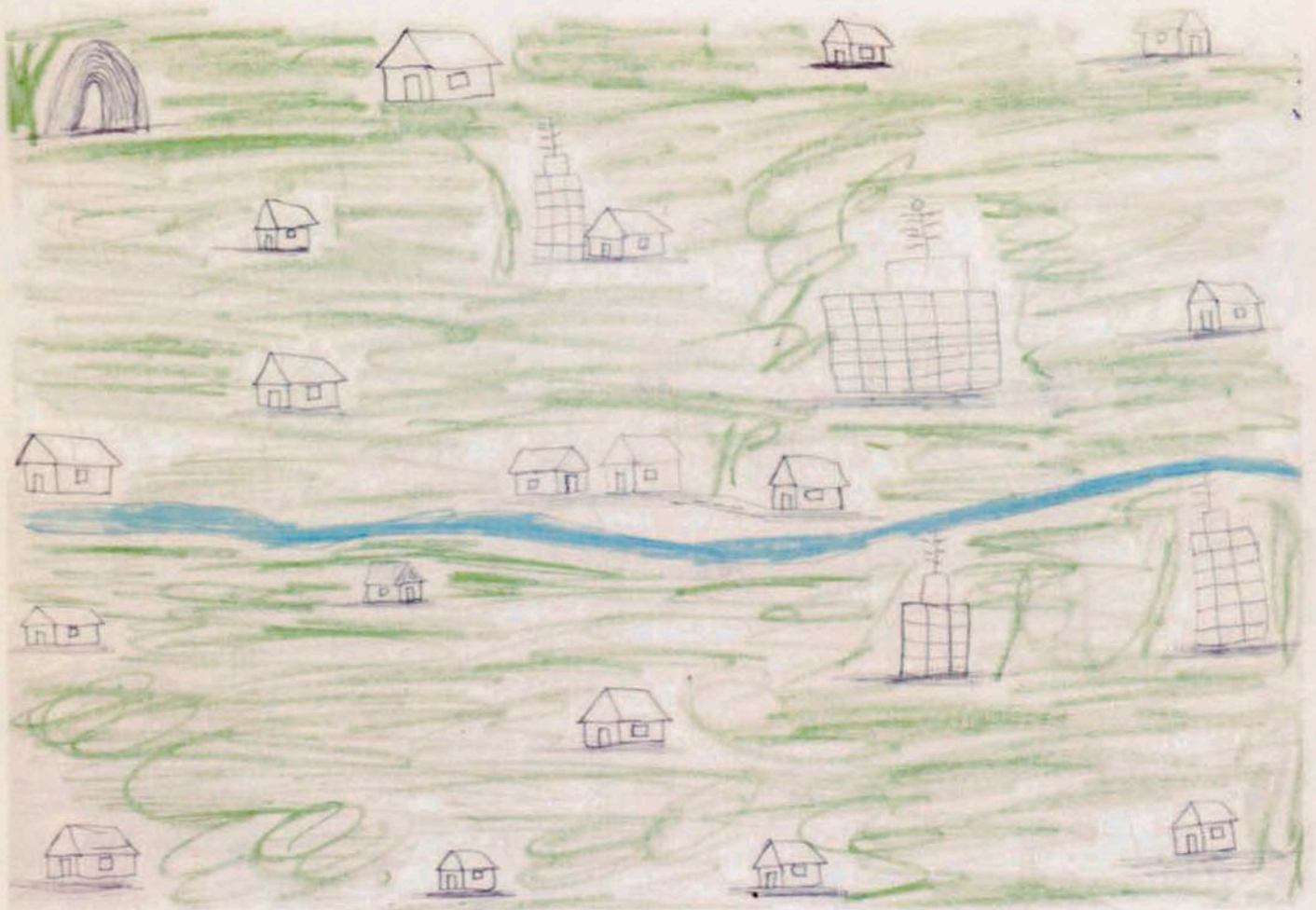
Não sei ao certo quando foi a demarcação dessa terra mas, o problema da aldeia era a falta de água. Nós não temos água, digo, não tínhamos, hoje temos três poços artesianos que abastecem duas caixas de 16.000 litros que abastecem a aldeia.

O único rio que tínhamos agora está poluído, que é a represa Billing.

As matas auxiliares estão sendo derrubadas: mas, com muita luta, conseguimos ou estamos conseguindo a ampliação da terra: até o fim de dezembro já será concluída a ampliação.

Valmir Lima

Geografia Indígena do Estado de São Paulo



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
CUIDANDO DE GENTE

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo

Impresso por:

alphagraphics
Pinheiros
3097-0789

Distribuição Gratuita